



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

DENISE CORDER PETRICA

**CRÍTICA E *AUFKLÄRUNG*: A GENEALOGIA DO SUJEITO
EM FOUCAULT**

Londrina
2014

DENISE CORDER PETRICA

**CRÍTICA E *AUFKLÄRUNG*: A GENEALOGIA DO SUJEITO
EM FOUCAULT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcos A. G. Nalli

Londrina
2014

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P495c Petrica, Denise Corder.
Crítica e *aufklärung* : a genealogia do sujeito em Foucault / Denise Corder
Petrica. – Londrina, 2014.
83 f.

Orientador: Marcos Alexandre Gomes Nalli.
Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual de Londrina,
Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia,
2014.
Inclui bibliografia.

1. Foucault, Michel, 1926-1984 – Teses. 2. Genealogia (Filosofia)– Teses. 3. Crítica
– Teses. 4. Sujeito (Filosofia) – Teses. 5. Filosofia francesa – Teses. I. Nalli, Marcos
Alexandre Gomes. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências
Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDU 1(44)

DENISE CORDER PETRICA

**CRÍTICA E *AUFKLÄRUNG*: A GENEALOGIA DO SUJEITO EM
FOUCAULT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do grau de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Marcos A. G. Nalli
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. José Fernandes Weber
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. André de Macedo Duarte
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Londrina, 29 de Setembro de 2014.

“Sonho com o intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e nas coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; que sem cessar se desloca, não sabe exatamente onde estará ou o que pensará amanhã, por estar muito atento ao presente.”

(Michel Foucault)

AGRADECIMENTOS

Agradeço preliminarmente a Deus, que em todo tempo me fortaleceu. Certamente esta foi uma experiência de plena superação. Meus agradecimentos se estendem a todos que diretamente ou indiretamente estiveram ao meu lado, me incentivaram, ouviram minhas lamúrias e angústias. Aos meus amigos mestrandos, que dividiram as expectativas, as dificuldades e alegrias. Agradeço a minha amiga Márcia Cristina de Souza, que é um exemplo de superação e ao mesmo tempo uma pessoa sensível e humana, sempre me incentivou e cativou além de me mostrar a importância de trilhar este caminho.

Aos meus familiares, minha mãe que sempre priorizou meus estudos e deu condições para que eu estive durante este tempo me dedicando à pesquisa. Ao Paulo, que além de estar do meu lado todos os dias, pacientemente, me ouviu durante esta etapa, e apontou sempre o melhor caminho. A minha querida filha Giovanna, que é o motivo de todo este esforço e superação.

Aos professores: José Fernandes Weber, Sonia Regina Vargas Mansano, Eder Soares Santos por participarem do meu crescimento e apontarem significativamente as melhorias para o meu trabalho.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, por ceder este espaço de pesquisa, e à Seção de Pós Graduação, especialmente Rosely F. Lopes pela atenção e por sanar todas as minhas dúvidas de modo generoso. Agradeço a CAPES pelo recurso financeiro durante uma das etapas do meu trabalho.

Em especial meus agradecimentos ao meu professor, orientador e amigo *Marcos Alexandre G. Nalli* que não apenas me mostrou como caminhar, mas caminhou comigo. Esteve pacientemente envolvido nesta etapa e soube com muita sensibilidade e confiabilidade me colocar nos “eixos”. Os meus agradecimentos ao seu cuidadoso trabalho, certamente extravasaria este espaço, mas formalmente eu quero lhe agradecer por esta minha experiência enriquecedora na qual faz parte. Agradeço não só pela sua paciência e competência, mas também pelos seus apontamentos criteriosos e pelo auxílio constante nesta minha etapa.

PETRICA, Denise Corder. **Crítica e *Aufklärung***: a genealogia do sujeito em Foucault. 2014. 83f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

Este trabalho se ocupa em pensar como Michel Foucault estabeleceu uma relação com o presente. Esta é inclusive a tarefa que a filosofia foucaultiana assume com o seu tempo, um diagnóstico para sua atualidade. Nesta tarefa, o objeto desta análise é o sujeito, e para problematizar o sujeito e a atualidade, é indispensável uma interpretação genealógica e demorada do poder disciplinar. É neste processo minucioso da genealogia foucaultiana que o sujeito aparece como algo produzido a partir das técnicas disciplinares na Modernidade. Nesta interpretativa genealógica do sujeito, Foucault sinaliza para um trabalho impaciente e demorado de liberdade. Nesta relação com o presente, os termos como a *Aufklärung* e a Crítica aparecem como um modo de superar os limites do assujeitamento moderno. Eis o papel da Crítica, da Genealogia e da *Aufklärung*, uma atitude, não apenas de recusa, mas à medida que ela se realiza, a partir do trabalho minucioso e paciente da genealogia, permitem meios para que o sujeito se torne outro. É o direito que o sujeito tem de interrogar a verdade e não se sujeitar a ela. Neste jogo de forças entre o poder a verdade e o sujeito, a Crítica, a Genealogia e *Aufklärung* é não apenas a possibilidade de violar a verdade, como também a possibilidade de resisti-la, recusá-la e, sobretudo ultrapassá-la.

Palavras-Chave: *Aufklärung*. Crítica. Sujeito. Genealogia. Atualidade.

PETRICA. Denise, Corder. **Critical and *Aufklärung***: a genealogy of the subject in Foucault. 2014. 83p. Dissertation (Master's degree in Philosophy) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014

ABSTRACT

This work is about how Michel Foucault established a relation with the present. This is the task that the Foucault's philosophy assumes with its time, a diagnosis for its present time. In this task, the object of this analysis is the individual, and to discuss the matter between the individual and the present time, it is indispensable a long genealogical interpretation of the disciplinary power. It is in this meticulous process of Foucault's genealogy that the individual appears like something produced from disciplinary techniques in the Modernity. In this genealogical interpretation of the individual, Foucault signals for a long and impatient work of liberty. In this relation with the present, the terms as the *Aufklärung* and the Criticism appear as a way to overcome the limits of modern subjection. Here it is the role of the Criticism, the Genealogy and the *Aufklärung*, an attitude, not only refusal, but while it itself does from the meticulous and patient work of genealogy, permitting means to the individual to become another. It is the right that the individual has to interrogate the truth and not to subject to it. In this game of power among the power, the truth and the individual, the Criticism, the Genealogy and *Aufklärung*, it is not only the possibility of violating the truth, as well as the possibility of resisting it, refusing it and, especially exceeding it.

Keywords: *Aufklärung*. Criticism. Individual. Genealogy. Present.

SUMÁRIO

Introdução	8
1	O Sentido de <i>Aufklärung</i> na filosofia de Foucault 16
1.1	A interrogação incessante sobre o que é esta atualidade? 17
1.1.2	<i>Aufklärung</i> : Nem filosofia da história nem história da filosofia 19
1.1.3	Modernidade versus atitude-crítica 22
1.2	A incompletude da questão e a tarefa filosófica 27
2	SEGUNDO CAPÍTULO: Das disciplinas à Biopolítica, o sujeito normalizado na Modernidade 35
2.1	As novas técnicas e a individuação do sujeito moderno 37
2.1.1	O corpo como alvo das disciplinas 39
2.1.2	As técnicas de correção: Vigiar é melhor que punir 44
2.1.3	O <i>Panóptico</i> e uma Sociedade Disciplinar 47
2.1.4	Uma Filosofia Analítica sobre o Poder 49
2.1.5	O Poder: Uma instância positiva 50
2.2	O Saber e a Sexualidade na Sociedade Ocidental 53
2.2.1	A explosão discursiva do sexo 55
2.2.2	O Biopoder e a sexualidade 56
2.2.3	Efeitos de poder: a sexualidade e genealogia do indivíduo moderno..... 60
2.2.4	A medicina enquanto instrumento de poder 61
2.2.5	A família medicalizada 62
3-	TERCEIRO CAPÍTULO: Subjetividade e crítica, formas de repensar o sujeito 64
3.1	Genealogia: Uma analítica interpretativa para o sujeito 65
3.1.2	O modo de operar da genealogia 65
3.2	O Genealogista enfrenta a História 68
3.3	A História Efetiva não oficializa a verdade 69
3.4	A verdade interrogada e a crítica radical 73
4	Considerações Finais 78
REFERÊNCIAS	81

Introdução

A ideia de autonomia e de liberdade toca a vida bibliográfica de Michel Foucault. Mais que isto, o filósofo parece inverter a lógica que faz a história ser analisada como ela é, e em contrapartida, novas práticas e novas produções de liberdade surgem. A questão do sujeito também intriga Foucault. E é o sujeito, que será analisado sob uma perspectiva crítica, o modo como ele foi produzido no interior de um saber, de uma cultura. Estes indivíduos que são construídos, emoldurados, aprisionados em suas realidades, é isto que chama a atenção do filósofo francês. Experimentar novos significados e lançar outros acontecimentos é o mesmo que revirar um baú de histórias, deslocando a ordem que ali está, enfrentando a cristalização dos fatos, assumindo formas de resistência.

Esta dissertação pretende apontar em Michel Foucault, possibilitar ao sujeito novas formas de subjetivação. Estas novas práticas, precisam ser trabalhadas na atualidade, como um diagnóstico, uma experimentação constante e ousada do próprio sujeito em sua realidade discursiva. Há uma relação direta entre diagnosticar a atualidade e gerar a possibilidade de inventar-se a si mesmo. Quando investigamos o que somos, ou como nos constituímos dentro de uma cultura, é que poderemos pensar e imaginar outras possibilidades de sermos diferentes. Esta é a questão central deste trabalho, pensar em um sujeito que pode a cada momento se reconstituir dentro da sua atualidade. Esta conjectura não se encontra fixa, cristalizada, e sim, no lugar movediço, suspensa e aberta. O trabalho é manter as possibilidades em aberto. Reconhecer a não finitude deste diagnóstico é o mesmo que representá-lo como uma tarefa incessante, de refletir o que é este momento em que o sujeito está posto. Repensar estas práticas, desorganizar este baú de fatos, abalar esta transmissão de verdades, é produzir outras realidades.

Refletir sobre o presente é uma tarefa emergencial da filosofia, uma atitude, um modo de se colocar frente à atualidade. Nesta atividade filosófica, o papel do filósofo é dizer o que se passa agora. E o papel da filosofia como todo o pensamento crítico, é o de investigar e recolocar os próprios problemas atuais sob uma perspectiva outra, nova e volátil. Como afirma Rajchman, Foucault é o grande cético do nosso tempo. (RAJCHMAN, 1985, p. 8). No entanto o seu ceticismo nada tem em comum com as questões cétricas clássicas da filosofia. O seu ceticismo é um processo sem fim, que suspeita da totalidade e das verdades ditas. Esta tarefa de

diagnosticar e não de dizer a verdade é o que leva o próprio Foucault a pensar que o seu trabalho se aproxima da Filosofia, mas de certa forma também se distancia, já que a tradição filosófica trabalha com verdades válidas e permanentes. Neste sentido, a sua filosofia é muito mais uma prática do que uma teoria, e que por ser um exercício, é também dispersa e mutável. Escrever uma história do presente é expor a nossa tradição às mudanças. Este modo de desconfiar da verdade ou do lugar que ela ocupa na própria filosofia já era o tom da investigação corrosiva de Nietzsche que suspende a possibilidade de uma verdade válida e em seu lugar, acolhe apenas interpretações. Certamente Nietzsche problematizou o valor da verdade em nossa cultura, o modo como buscamos um fundamento último e válido, que acessáramos e encontraríamos uma base segura. Como o próprio Nietzsche demonstrou isto não passou de uma crença, da verdade como uma fixação e também uma ficção.

Mas agora é com Kant que Foucault dialoga. Vamos ao motivo desta interlocução. Se Foucault está preocupado com o seu presente, é na filosofia kantiana que se esboça esta proposta. Em seu tempo, Kant já anunciava, no século XVIII, uma filosofia inovadora. É ali com Kant, que se inaugura uma nova forma de interrogação filosófica projetada na atualidade, no seu presente. A novidade é o seu modo de interrogar.

Foucault se interessa pelo tipo de reflexão filosófica que faz Kant em seu tempo. Mais ainda, Foucault se interessa pela atuação do pensador neste processo, certo papel desempenhado ali, ou seja, é o pertencimento, uma consciência e uma relação no interior de seu contexto, é a emergência desta questão manifestada por Kant que particularmente desperta em Foucault grande interesse. É precisamente nesta interlocução que se articula Kant e Foucault em uma relação com o presente, que esta dissertação almeja se desenvolver, ou seja, um modo de problematizar a nossa atualidade a partir de Kant e Foucault.

Diagnosticar ou examinar o que se passa, é um modo distinto de fazer Filosofia. É se debruçar mais na travessia, do que no ponto de chegada. Pensar no caminho a ser percorrido como um exercício que não tem como foco o fim, mas sim um recomeço. A filosofia aparece como uma ferramenta permanente que está muito mais voltada para as práticas do que para as verdades. Práticas que pensam a todo tempo que momento é este, e o que pensar sobre este momento. Assim é possível estimar muito mais as interrogações do que as conclusões. A pergunta incessante

sobre a nossa atualidade, o nosso tempo presente, é um modo de desafiar a própria filosofia, pois esta problemática não se limita a uma produção teórica, mas consiste em confrontar o presente para retirar dele a possibilidade de mudança e transformação. Neste sentido interrogar o presente define-se, para Foucault, não enquanto uma época, mas um *êthos*, uma atitude experimental, uma possibilidade de ultrapassagem de nós mesmos enquanto sujeitos da história. Este é um trabalho, que como Foucault menciona: “realizado nos limites de nós mesmos” (FOUCAULT, 2008a, p.348) em uma elaboração permanente e complexa. Esta não é uma tarefa fácil, nem tampouco confortável, mas é o que Foucault propõe como transição e superação: “trabalho de nós mesmos sobre nós mesmos enquanto seres livres”. (FOUCAULT, 2008a, p.348). O trabalho de nós mesmos sobre nós mesmos é uma ação do sujeito sobre ele mesmo, não apenas como um mentor de seu tempo, mas como um ator e executor de seu tempo, de sua história, um modo de se relacionar com a sua atualidade. Esta é a aposta de Kant que inspira Foucault. Nesta relação com o presente a verdade não aparece como algo a ser seguido e sim um problema a ser pensado. Nesta tônica entre Foucault e Kant, o exercício constante em rever o presente, nenhuma verdade final que estaria subjacente apareceria. Ao contrário, o diálogo entre Foucault e Kant acentua a questão da autonomia e do inacabado. Uma ocupação árdua e desconfortável com nós mesmos, atividade que nós acabamos por descuidar, justamente pelo aborrecimento que a maioria nos apresenta, ou seja, a responsabilidade individual que esta maioria traz. Sermos totalmente responsáveis por nós mesmos, sem transferi-lo a ninguém é assumir sempre um papel ativo na nossa existência, esta ação, como coloca Kant, é uma tarefa árdua e incessante. No entanto, é neste desgaste ou neste enfrentamento do nosso ser na história, que a possibilidade de liberdade aparece. Maioridade e liberdade acenam juntas, como características deste modo incompleto de fazer filosofia.

Eis que então acende em Foucault a abertura para a liberdade. A liberdade para um sujeito que, historicamente determinada, até certo ponto pela própria *Aufklärung*, pode constituir-se como sujeito autônomo ao assumir certa postura filosófica de elaboração a si mesmo. Assumir esta tarefa, como já foi dito antes, penosa e difícil, é também um modo de se relacionar com o que se passa, com o presente. Postura que Kant já havia adotado em seu tempo.

O objetivo deste trabalho é entender como o pensamento de Foucault problematiza o sujeito, marcado no interior da história. Em linhas mais diretas, como

o indivíduo pôde se constituir como sujeito, ou a maneira em que o ser humano se transforma em sujeito. Foucault investigou as minúcias de determinadas práticas desconcertantes na cultura ocidental, que a todo instante faz e refaz individualidades. Ao pensar estas práticas, o filósofo aponta para novas possibilidades de construção em que os próprios sujeitos participam e elaboram a sua constituição, um retorno a nós mesmos, um enfrentamento pessoal e particular do indivíduo no seu contexto histórico. Quando se entende quem é o sujeito dentro desta história, pode-se a partir daí conceber novas possibilidades para este sujeito. Esta abertura não se caracteriza como uma prática individualista, mas como uma construção de si mesmo, um trabalho de própria autoria. Foucault faz do pensamento uma prática para pensar estas questões tão caras e tão urgentes. Diagnosticar o presente é uma proposta que incita novas experiências, para um sujeito que ao constituir-se elabora regras para sua existência, exercita-se a si mesmo, praticando novas formas de subjetivação, um projeto de enfrentamento àquilo que nos foi imposto durante todo este tempo. Este é o motivo que interliga Foucault a Kant e a sua proposta de autonomia e maioridade.

Foucault não se limita a Kant para pensar esta questão, nem se restringe apenas com o diálogo kantiano para exercitar a liberdade e problematizar o sujeito. A sua filosofia não se debruça em autores, mas ela exercita-se em lugares múltiplos. É a sua maneira de atuação, que se acentua mais como um pensador plural do que com uma categoria filosófica. Este é o seu modo de atuação. Problematizar é para Foucault um modo relevante de operar, pois possibilita a continuidade do diagnóstico, e de outras intervenções, a questão da autonomia incitada por Kant no século XVIII é um exemplo. Para isto sua filosofia assume alguns riscos. O maior deles é permanecer em abertura. Justamente no inacabado que se encontram novas experiências e também os riscos. É neste tom que a filosofia foucautiana propõe diagnosticar o presente, ultrapassar os limites que nos foram postos, e possibilitar novas formas de vida. Sujeitos e agentes de uma atualidade totalmente diversa e difusa. Vários outros projetos inacabados surgem a partir desta premissa, a reinvenção. Reinventar não é um projeto global nem total, é sempre parcial é mais que uma mudança única, reinventar com Foucault é um trabalho impaciente e arduo que tem como fim o próprio recomeço, uma liberdade que só aparece em projetos individuais, executados nos limites de nós mesmos, uma crítica constante dentro das possibilidades.

Se não há transformações definitivas, o que temos são as possibilidades. Para ampliar estas práticas transformadoras, retomaremos os diferentes agentes que constituíram e elaboraram os modos de sujeição e assujeitamento a partir da modernidade. Esta dissertação pretende, apesar das outras aberturas que Foucault faz para pensar a atualidade, estreitar apenas com Kant e o seu modo de pensar o seu tempo.

Por que Foucault estaria interessado em diagnosticar o presente? O que isto possibilita para o exercício filosófico? Foucault anuncia em momentos diversos, a sua apreciação por este tipo de análise. Esta postura nova de pensamento marca as diferenças, as fissuras, as repetições, permite pensar a nossa atualidade de forma distinta da tradição metafísica ocidental. A diferença que Foucault coloca, é que somos nós, os produtores e pensadores de nosso tempo. Isto inclui uma atuação muito mais direta e pessoal nessa tarefa. Segundo o pensamento foucaultiano, este deve ser o tom da filosofia atual, participar diretamente deste diagnóstico. Não apenas produtores, mas transformadores do que somos. A propósito, para Foucault só faz sentido pensar o que somos, quando estamos ao mesmo tempo em que pensamos, possibilitando a mudança de não ser mais daquele modo. Pensar o que somos como um meio de ultrapassagem e superação. Pensar o presente como modo de superação.

Neste trabalho a modernidade estará em constante análise, o próprio Foucault debruçou-se no tema. A modernidade pode ser analisada de modo distinto na filosofia foucaultiana, porém complementar. Primeiramente de modo localizável e histórico, que marca a sua fase reconhecida como genealógica, que detalha a produção e a individualização do sujeito nas estruturas totalizantes do poder moderno. A segunda análise acerca da modernidade é atemporal e ilimitada, em que Foucault aponta na própria modernidade, os indícios para uma atitude crítica capaz de nos libertar das estruturas totalizantes do poder moderno. Com ressalvas de que esta libertação ou liberação não se concretiza de fato, apenas nos oferece alternativas contrárias para tais formas de individualização do poder moderno. A liberdade como veremos sob a lucidez de Foucault, estaria na recusa e na relutância em ajustarmos a estas estruturas e práticas impostas. Por isto Modernidade assume certa tensão entre o assujeitamento e o seu desassujeitamento do sujeito, e na Filosofia de Foucault a Modernidade é uma problemática que se complementa, apesar de suas análises distintas.

Quando se trata de modernidade enquanto produção do sujeito nas estruturas do poder moderno e os detalhes deste cenário produzidos no século XVIII, (tema do segundo capítulo) a proposta é estimular este indivíduo a não ser mais como ele é, ou seja, produzir outros modos de subjetividade. Para não ser mais aquilo que sou, preciso saber como herdei esta constituição, que é histórica e cultural. O trabalho de resistência e oposição a esta imposição moderna só se realiza quando entendo a que estou resistindo, ou o que me foi imposto a ser durante toda tradição. Por isto a genealogia aparece ligando a verdade ao poder. Ou seja, entender as conexões que existem entre as práticas que tecem o sujeito dentro da história. Afinal como pontua Foucault, não existe sujeito fora da história. Há sim um sujeito sujeitado dentro de uma história de poder. Para resistir é preciso conhecer como o poder transforma o indivíduo em sujeito. O ponto mais agudo ou a máxima resistência às formas de sujeição que Foucault nos coloca está em uma ontologia crítica de nós mesmos. Esta é a relação que Foucault assume com a *Aufklärung*, uma eleição voluntária, uma maneira de pensar e de agir de modo a conduzir-se para fazer da própria vida um lugar de resistência. Uma espécie de tarefa para a existência de sujeitos livres, um eterno começo, que parte de lugares inusitados. Foucault questiona pressupostos, e por este motivo formas diferentes de existências aparecem. Um tipo de liberdade que não se define, mas que se pratica que descobre alternativas plurais para as imposições de vida que nos são dadas. Foucault não prescreve condutas, mas nos possibilita experimentar novas e diferentes maneiras de ser. O objetivo desta dissertação é discorrer sobre esta abertura, sobre um modo de nos relacionarmos e nos inventarmos.

No primeiro capítulo abordaremos como Foucault compreende a questão da *Aufklärung* e a relação que dela brota com o presente, ou seja, *Aufklärung* é colocado para Foucault de um modo atemporal, analisada de modo incomum, distante da forma como a tradição filosófica relaciona o tema. Para Foucault a questão aparece como um problema filosófico que dialoga com a sua atualidade, ou seja, pensar o momento que se passa agora. O primeiro capítulo analisa através da ótica foucaultiana o significado da pergunta: O que é a *Aufklärung*? E por que esta pergunta se faz necessária. Acerca deste tema o próprio Foucault nos alerta para discorrermos cuidadosamente, sem recorrer aos conceitos tradicionais e comuns. É preciso pensá-la de um modo novo e permanente. Permanente aqui não no sentido estático, definitivo, ao contrário, permanente, é uma análise constante do próprio

tema. A primeira parte deste trabalho pretende pensar as particularidades da *Aufklärung* que se reativa mais como uma atitude, uma tomada de posição e de autonomia, do que com um século que se passou na história. Este é o modo como Foucault não apenas caracteriza a *Aufklärung*, mas faz dela uma ferramenta de análise. Quem ocupa o centro deste exame é o próprio sujeito, que como seres determinados pela história, em partes pela própria *Aufklärung*. Ao repensar o problema da *Aufklärung*, Foucault retoma o texto kantiano de 1784, publicado em um periódico Alemão, em que Kant tentava responder *O que é o Esclarecimento?* O interesse de Foucault neste texto é o modo como Kant tenta responder e não a resposta em si. A problemática fecunda que aparece neste texto é a possibilidade de liberdade, de um processo que não se limita pelo seu resultado, mas sim pelo sua condição permanente de continuar pensando sobre nós mesmos. Kant não afirma que estamos em uma época esclarecida, mas que estamos em um esclarecimento, ou seja, num processo de esclarecimento, que para o filósofo do século XVIII é a saída do homem de sua menoridade. Kant anuncia a autonomia do pensamento, um modo de condução da vida sem a necessidade de outro. Esta questão é para Foucault um modo singular de fazer da filosofia uma prática. Foucault incita esta abertura, uma possibilidade de se fazer autônomo. Para Foucault a *Aufklärung* é a crítica permanente do nosso ser histórico, uma ação do sujeito com ele mesmo, um *êthos filosófico*. Esta atitude encontrada em Kant reascende em Foucault, que nada tem a ver com dogma, ou modo de conduzir pessoas, mas ao contrário, *Aufklärung* é a possibilidade de ultrapassagem, de superação de tudo aquilo que nos foi imposto e atribuído no decorrer da história. É neste espaço que o sujeito pode se reinventar. Sobre uma invenção constante de si, nos atentaremos neste capítulo que se inicia.

No segundo capítulo, utilizando-se da fase genealógica de Foucault, a partir dos argumentos tecidos em *Vigiar e Punir* e o primeiro volume da *História da Sexualidade A vontade de saber*, será demonstrada a relação entre o sujeito e os poderes disciplinares e político. O tema do segundo capítulo é pensar como o sujeito foi produzido a partir de práticas objetivantes, que se acentuam na Modernidade, ou seja, pensar como o sujeito é, segundo Foucault, um objeto a ser construído e constituído historicamente através de determinadas práticas. A proposta inclui pensar como o poder disciplinar se desenrolou no século dezoito e em um segundo momento, como a proliferação das disciplinas se alastrou dentro de um corpo social, ou uma população. Partiremos da análise dos micros poderes para um macro poder,

ou seja, a passagem de uma anátomo- política *do corpo*, para a uma biopolítica da espécie humana. Na modernidade, não apenas o corpo, mas a espécie humana precisa ser administrada. Nesta perspectiva se analisa os modos diferentes que a nossa cultura torna os seres humanos em sujeitos.

O terceiro e último capítulo desta dissertação toca na questão da liberdade. Se no segundo capítulo apresentamos o cenário constitutivo do sujeito a partir do século XVIII, época de maior incidência, tanto da disciplina quanto da biopolítica, iremos neste espaço problematizar como Foucault trabalha com a questão da liberdade para este sujeito que encontra-se sujeitado pelas soma das disciplinas recorrentes na Modernidade. Estas práticas disciplinadoras incidem tanto no corpo individual, quanto no corpo social. Neste contexto, onde caberia a liberdade? Para entender como Foucault trabalha a questão da liberdade, é preciso entendê-la não como um conceito ou teoria. A liberdade também não se encontra fora das relações de poder. Como afirma Rajchman: “Não nascemos livres; já estamos sempre lançados no seio de alguma configuração de poder.” (RAJCHMAN, 1985, p.56). Existem diferentes modos de trabalhar a questão da liberdade a partir de Foucault. Todo o seu trabalho é inclusive no período genealógico, uma tentativa de se praticar a liberdade. Foucault acredita nestas práticas incessantes de liberdade, que não se findam, mas se recomeçam, que ultrapassam os limites as imposições que nos foram dadas a tanto tempo. Quanto às formas de resistência e práticas de liberdade Foucault descreve um campo amplo de atuação. O terceiro e último capítulo prestigia estas práticas de liberdade a partir da noção de crítica e do modo de atuação do genealogista, que ao analisar os múltiplos constrangimentos impostos pelas relações de poder, encontra possibilidades de se praticar a liberdade.

1- O Sentido de *Aufklärung* na filosofia de Foucault

Este primeiro capítulo pretende analisar como Foucault retomou um modo kantiano de pensar o presente. Kant ao descrever sua época está necessariamente inserido na sua narrativa: “Se, então for perguntado: vivemos agora em uma época esclarecida?” (KANT, 2010, p. 406). A pergunta que coloca, vivemos ou não? Nota-se que o narrador está implicado na questão, como parte da análise. Kant inova sua forma de pensar ao inserir-se na sua narrativa. “Em resumo, parece-me que se viu aparecer no texto de Kant a questão do presente como acontecimento filosófico ao qual pertence o filósofo que fala.” (FOUCAULT, 1984a, p. 02). Esta postura também é posta para Foucault como necessária ao ponderar o presente. Compreender este processo é mais do que isto, é ao mesmo tempo, ser elemento e ator da história que se narra. A questão do pertencimento é o que faz a possibilidade de interrogar a atualidade. Afinal, esta condição é posta em Foucault como singular, necessária, e determinante para conhecer o que se passa: o presente. É esta atribuição que faz do filósofo um distinto examinador do seu contexto, situando-se no interior do seu tempo.

Kant pertence à questão que ele procura responder, é este ineditismo que Foucault reconhece; “tornar-se para o filósofo o objeto de sua própria reflexão” (FOUCAULT, 1984a, p. 02). A singularidade filosófica que está posta e que aparece com o “pertencimento” é a atividade filosófica que permite a crítica. Termo este, que foi trabalhado em Foucault, e que teve significados respectivos com a *Aufklärung* em Kant. Interrogar, pertencer, distinguir o presente é uma aposta decisiva e designada na filosofia foucaultiana, porém custosa. Este exercício de confronto é notoriamente uma relação consigo mesmo, e uma relação de força, um desafio já abordado em Kant, mas que Foucault repensa e aprofunda, rejeitando as mais confortantes verdades já descritas no Ocidente.

Para recusar estes jogos mais universais da verdade ao passo de transgredi-la, e superá-la, tocamos na questão da liberdade, colocada por Kant, que ele define em seu tempo como Esclarecimento e maioridade. A menoridade é o seu oposto. É recusa deste confronto, é também no espaço confortável e mais previsível que transitam os indivíduos em suas épocas. Desembaraçar-se desta relação de menoridade é no mínimo trabalhoso, como já apontou Kant. Pensar sobre este tema, em uma época que somos em grande parte, ainda herdeiros, é também o mote

desta questão. Analisar este sujeito que é conteúdo desta história, diagnosticar o que é esta atualidade e o que somos nela, é o que se pretende nesta parte do trabalho. Certo espírito kantiano de coragem e audácia se faz presente para permanecer nesta expedição, uma relação entre Foucault e Kant. E é o que traz à filosofia kantiana prestígio e atualidade. A questão que se colocou no século XVIII e que permanece colocada para nós, é o fio condutor que provoca a interrogação: O que é esta atualidade? *Aufklärung* é aqui tão necessário para compreender a questão, e retirar dela o seu significado mais preciso. Para esta compreensão acerca da *Aufklärung* como uma interpretação da atualidade, é necessário repensar como a tradição nos coloca o termo *Aufklärung*. Somente nos desprendendo dos conceitos mais habituais do termo, é que podemos denotar a *Aufklärung* um elemento interpretativo da atualidade. É isto que Foucault faz, desprende-se da conotação habitual, para colocar um problema novo em torno da *Aufklärung*. Este primeiro capítulo busca depurar *Aufklärung*, e apontar nela uma interrogação crítica incessante, ou o significado específico deste tema na filosofia de Foucault.

1.1- A interrogação incessante sobre o que é esta atualidade?

Como foi colocado anteriormente, Foucault não se desligava de seu tempo presente. Que atualidade é esta que vivemos hoje? É a pergunta que Foucault não deixou de fazer. Veremos mais a frente o motivo que leva Foucault a se interessar pela atualidade. Este tipo de investigação é genealógica e por isto é interpretativa quanto a questão da verdade. Por não estar apoiada em nenhum absoluto, desenrola uma relação confinante com a questão do poder. O tema subjacente destas inúmeras relações de força é o próprio sujeito. Foucault examina a proposta da *Aufklärung*, e nesta análise o sujeito está intencionalmente articulado, para isto é preciso pensar mais de perto a relação estreita que se aplica entre a *Aufklärung*, o sujeito e um modo de agir.

Foucault na sua última fase produtiva, em uma de suas entrevistas, O que é o Iluminismo (1994a) retirado no curso de 1983, no Collège de France, retoma a questão kantiana e seu opúsculo intitulado *Was ist Aufklärung?*(1784). Foucault não escreveu um referencial numeroso sobre a questão, no entanto lhe imputou um sentido bastante complexo e como ele mesmo afirma a resposta kantiana acerca de *Aufklärung* “não está desprovida de certa ambiguidade” (FOUCAULT, 2008a, p.338).

Foucault menciona que a tentativa de Kant em responder em sua época, o que é a *Aufklärung*, deixou algumas lacunas. O opúsculo kantiano além de breve é também complexo. Foucault não especifica todas as complexidades deste texto, apesar disto, ele retira do opúsculo alguns elementos importantes, como a coragem e a tarefa individual de realizar pessoalmente a sua própria maioridade. Esta decisão de ser o ator voluntário de suas próprias atitudes estimula Foucault a retomar este problema kantiano, mesmo afirmando que o próprio Kant não esclareceu todos os pontos de sua reflexão. Foucault também afirma que a questão da *Aufklärung* envolve inúmeras interpretações, sendo um acontecimento histórico de grande complexidade, por isto, não podem ser resumidas a partir de Kant e tampouco a partir do próprio Foucault. A questão da *Aufklärung*, como o próprio Foucault afirma, é e continuará sendo objeto de inúmeras análises, e que de um modo amplo, o tema ocupa grande parte da filosofia atual. Talvez este seja o motivo que coloca o problema da *Aufklärung* com algumas ambiguidades, o fato dela permanecer alocada para a nossa atualidade.

Apesar deste texto (1984a) acerca do opúsculo de Kant ser breve e não conclusivo, a tônica positiva denota ao filósofo alemão, o que Foucault chama de “pura atualidade” (FOUCAULT, 2008a, p.337). O prestígio que Foucault dá a Kant, é que ele semeia no interior de sua época, um problema completamente novo e contemporâneo, a modernidade como questão. A sua própria realidade entra em análise, sem recorrer a qualquer outro tempo, Kant está indagando o que se passa naquela ocasião, é exatamente esta a questão que Foucault assume como uma atualidade kantiana, ou ainda o que faz de Kant uma filosofia contemporânea. Este é o problema posto por Kant, que interessa a Foucault. O texto kantiano (1784), ainda que redigido no século XVIII, e como foi colocado anteriormente, provido de certa ambiguidade, provoca em Foucault, um efeito recorrente e um tipo de problema que deve ser pensado atualmente. Este fôlego kantiano que Foucault está em parte retomando não é aleatório. Assim comenta Nalli: “Foucault se apropria de Kant de modo a retirar-lhe elementos e insights teóricos fundamentais para sua pesquisa como a noção de crítica.” (NALLI, 2011, p. 148). Crítica é um elemento crucial para entender o problema que está posto neste capítulo, sobre este ponto, aprofundaremos mais adiante. A crítica é também o modo de abertura, a possibilidade de deslocar aquilo que somos para sermos outra coisa além do que está posto. Para entender estas afirmações, é preciso se aproximar do significado

mais apurado de *Aufklärung* e de Crítica na filosofia de Foucault e suas correlações com a questão da invenção do sujeito, e a manifestações de outras singularidades.

1.1.2- *Aufklärung*: Nem filosofia da história nem história da filosofia

A obra foucaultiana não deve ser entendida de modo sistemático, mas como Foucault coloca “como uma caixa de ferramentas”, (FOUCAULT, 2008b, p.71) em que seus leitores podem vasculhar e buscar diferentes formas para construção de novos pensamentos. De natureza multifacetada, o que encontramos no filósofo são suas análises distintas, porém complementares. A primeira análise situa-se na década de 60, Foucault detecta como os discursos se formaram e configuram as verdades, o que ele chama de *verdades discursivas*.¹ A segunda análise filosofia foucaultiana, chamada de genealógica, inicia-se na década de 70, e ocupa-se de como a modernidade disciplinar de modo eficaz implantou no indivíduo a noção de disciplina e poder. O filósofo busca a relação necessária que existe entre o poder e o saber, como os discursos produzidos, construíram verdades acerca do próprio sujeito. O esforço do filósofo está em compreender como este sujeito torna-se sujeito na própria história, sendo uma busca genealógica e não historicista. A modernidade nesta segunda fase do filósofo aparece com a sociedade disciplinar, e a estreita relação que existe entre o corpo e a racionalidade² das práticas. Esta breve menção que se faz aqui sobre as fases de Foucault é para situar como a questão do sujeito aparece na sua trajetória em diferentes momentos, sem necessariamente criar-se uma teoria do sujeito. Este capítulo, no entanto se ocupa em compreender a noção de *Aufklärung* neste contexto e a sua relação com o sujeito.

O que aparece com proeminência é o próprio sujeito, não enquanto uma teoria *a priori*, uma fixidez essencial, e sim o sujeito histórico, produzido a partir dos jogos de verdade. Neste sentido o esforço do filósofo é compreender os modos diferentes pelos quais os seres humanos se tornam sujeitos. Acima foi mencionado

¹ Fase denominada de Arqueológica, Foucault analisa a ordem interna que constitui um determinado saber. O tema é analisado com mais profundidade na obra *Arqueologia do Saber*.

² Racionalidade é um termo que precisa ser bem comedido em Foucault. Racionalização é uma afirmação até perigosa. Foucault propõe analisar as racionalidades específicas. O termo não deve ser tomado com caráter global e unitário. Ao invés de usarmos o termo racionalidade, usamos o termo que mais se aplica para pensar o que se passou na modernidade, ou seja, a racionalidade das práticas. Segundo Castro, Foucault pensou a racionalidade muito mais como um instrumento, ou meios para se chegar a um fim. Foucault afirma que todas as práticas estão em certo sentido dentro de um regime de racionalidade. (CASTRO, 2009, p.373).

que não há uma teoria do sujeito foucaultiano, mas os modos como eles se constroem. A questão que se põe a partir da modernidade, é que o sujeito encontra-se nela, esquadrihado e elaborado a partir da racionalidade humana nas sociedades disciplinares. Estas mudanças iniciam-se no século XVIII e tiveram seu apogeu no século XX, produziram espécies de confinamentos para que houvesse um controle sistemático do indivíduo:

Duas imagens, portanto da disciplina. Num extremo, a disciplina - bloco, a instituição fechado, estabelecido à margem, e toda voltada para funções negativas: fazer parar o mal, romper as comunicações, suspender o tempo. No outro extremo, com o *panoptismo*, temos a disciplina - mecanismos: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções subtis para uma sociedade que está por vir. O movimento que vai de um projeto ao outro, de um esquema da disciplina de exceção ao de uma vigilância generalizada, repousa sobre uma transformação histórica: a extensão progressiva dos dispositivos de disciplina ao longo dos séculos XVII e XVIII, sua multiplicação através de todo o corpo social, a formação do que se poderia chamar grosso modo a sociedade disciplinar. (FOUCAULT, 2006, p.173).

Ao repensar a modernidade, não mais para compreender as formas distintas do poder e do *esquadrihamento*, como foi trabalhado por ele na fase arqueológica e genealógica, Foucault reflete acerca de *Aufklärung* não apenas no seu sentido histórico e temporal, mas constitui um significado reflexivo atual. Modernidade e *Aufklärung* denotam então um movimento, um conceito, uma atitude:

Gostaria, por um lado, de enfatizar o enraizamento na *Aufklärung* de um tipo de interrogação filosófica que problematiza simultaneamente a relação com o presente, o modo de ser histórico e a constituição de si próprio como sujeito autônomo: gostaria de enfatizar, por outro lado, que o fio que pode nos atar dessa maneira à *Aufklärung* não é a fidelidade aos elementos de doutrina, mas, antes, a reativação permanente de uma atitude; ou seja, um *êthos* filosófico que seria possível caracterizar como crítica permanente de nosso ser histórico. (FOUCAULT, 2008a, p. 344)

Aufklärung, como foi mencionado anteriormente, é pensado por Kant, como uma atitude, um processo que não se finda pela história. Este modo de problematizar o tema, Foucault afirma como uma questão filosófica, que desde a

época de Kant está colocada para nós na atualidade. Abordar a *Aufklärung* na filosofia foucaultiana desloca todo um cenário histórico bem definido e já interpretado sobre o que foi este acontecimento. Pensar a *Aufklärung* em Foucault é como desacomodar a história do seu lugar comum. Pensá-la de modo totalmente diferente e inverso. Para desembaraçar a relação do tema estritamente com os fatos históricos já produzidos no Ocidente, ou seja, o Esclarecimento como um ato de expulsar os dogmas através da razão, amplamente divulgado pelos Iluministas. É preciso desprender-se desta análise tradicional para avançar e permitir uma nova alusão a esta expressão *Aufklärung*. Assim, seu sentido mais amplo introduz um esforço, uma tarefa da própria filosofia. Repensar nossas crenças e propor outras hipóteses, por à prova a nossa história da verdade, é esta ampliação e reflexão que a novidade do tema traz para divergir os costumes e a própria atribuição que se faz de *Aufklärung*. Este trabalho é no mínimo custoso e embaraçoso. É o que Foucault faz quando pensa a questão da *Aufklärung*, inverte seu significado mais comum e a interpreta de modo inteiramente novo. Na contramão da história, divergir os conceitos habituais e transpor estes projetos, já é uma das práticas que propõe a *Aufklärung*. Para ser mais específico, o tema não pode ficar retido na história do pensamento, antes é necessário entender que *Aufklärung* não está arquivada nos séculos das luzes. É sobre esta especificidade de seu significado que trataremos agora. Para entender como Foucault coloca esta questão é necessário desprender-se do significado apenas tradicional e temporal que esta palavra conota.

Atualidade é o que aparece para Foucault agora enquanto tônica e que está presente no problema kantiano, garantindo à sua filosofia certa contemporaneidade, e é o que se precisa pensar para entender a questão eminente de *Aufklärung*. Desconsiderando as relações estritamente temporais com a modernidade, Foucault evoca o problema da *Aufklärung* não apenas a partir de proposições históricas, mas em um significado atemporal, ou seja, da própria *Aufklärung* extrai-se uma ideia, uma postura, que não está designada apenas aos homens daquele século, mas como algo que ainda deve ser pensado, colocado para a atualidade, o momento presente. Assim o conteúdo de *Aufklärung* torna-se uma atitude, independente da sua época. Foucault nos alerta em seu texto *O que são as luzes?* Publicado em 1984 (2008a) que é preciso pensar este conteúdo cuidadosamente, sem limitar a própria *Aufklärung* a uma condição apenas finita, histórica e derradeira. O que levanta como problema filosófico é o que retirar dela, a sua aposta maior, a atitude

que está presente nela. Assim *Aufklärung* em Foucault aparece com conteúdo singular, ultrapassa as afirmativas históricas convencionais, ou seja, seu significado extrapola as características que comumente lhe são atribuído. Foucault relata a *Aufklärung* de uma maneira totalmente diversa. Vejamos isto com mais detalhes. Primeiro Foucault afirma que é preciso pensá-la pelas “fronteiras” (FOUCAULT, 2008a, p. 345), desmitificando o conceito e a posição de ser contra ou a favor de *Aufklärung*. Foucault também afirma que é preciso escapar do que ele denomina de “chantagem intelectual e política”. (FOUCAULT, 2008a, p. 345). Neste sentido não é necessário opor-se ou não a *Aufklärung*, e toda uma tradição, mas pensá-la como um ponto de partida e organizar todo este conteúdo de modo minucioso, diz o filósofo: “Analisando de modo mais demorado e cuidadoso do que se chama *Aufklärung*.” (FOUCAULT, 2008a, p. 347). Neste sentido, é necessário, como foi colocado anteriormente, frisar a questão da *Aufklärung* para além de um sentido puramente histórico e ultrapassado. Esta é a aposta de Foucault para o tema.

1.1.3- Modernidade versus atitude-crítica

Alguma coisa de incompletude, movimentação e transposição parecem se destacar nos textos de Foucault enquanto a *Aufklärung* está sob sua análise. O fazer filosófico contemporâneo é uma proposta ou uma indagação, marcada pela incompletude ou abertura. Foucault estabelece um diálogo com Kant para compreender estas peculiaridades que aparecem a partir da modernidade, e não só com ele, mas também com Baudelaire, para retirar destes, elementos singulares que se cruzam nesta temática. Apesar do referencial baudelairiano no texto “*O que são as Luzes?*” (2008a) não ser demasiadamente longo, mostra-se como o próprio Baudelaire propõe a modernidade. Vamos ao contexto do poeta francês no século XIX para entender o que se passa. Ao compreender a realidade que o cercava e a estrutura da sociedade, sensibiliza-se com o cenário que a partir da burguesia capitalista molda o sujeito entregue às ruas e à cidade. A realidade que o cercava eram as mudanças na estrutura de uma sociedade transformada pelo surgimento da vida urbana e os conflitos da ordem burguesa. Avenidas, galerias, grandes fachadas, luzes, mercados, teatros, eis que a metrópole traz as relações humanas para as ruas. A nova Paris marca as mudanças e os conflitos que a modernização

crescente evocava com proeminência. O que Baudelaire faz em seu tempo é compreender a cidade moderna e o mundo instantâneo a sua volta. Paris é o seu laboratório de poesias, um mosaico em movimento, o homem moderno e sua vida transitória é representada pela multidão. A sua arte era uma forma de resistência a este contexto, que desconcertava o poeta. Seu pensamento cortante denunciava a euforia provocada pela ideia de progresso e pelas contradições que apareciam com o inchaço das aglomerações urbanas. Nasce na modernidade a figura do *Flâneur*, um observador que anda pelas ruas sem esquecer-se dos detalhes da cidade. Caminha, imagina e observa refletidamente a vida dos moradores. Este anda errante por todos os cantos das cidades e não chega a algum lugar, intrigado pelos movimentos passageiros e instantâneos, o *Flâneur* é seduzido por se achar na multidão que brevemente se desfaz, formando novos aglomerados. Esta fluidez, típica das novas cidades, marca o momento presente, que logo escapa e que fascinava o observador. Seu passeio não se prende ao tempo, pois o tempo está a sua disposição, desperdiçá-lo lhe é peculiar, vaguear sem objetivos, distraído, fascinado pela multiplicidade e pelo efêmero. Esta é a figura que aparece a partir de Baudelaire, o *Flâneur*, protótipo do sujeito moderno, fragmentado, que aposta na experimentação do presente, capturada pela observação daquilo que se passa a seus olhos a cada instante. Esta é a concepção de Baudelaire acerca do sujeito moderno.

A expansão das cidades modernas e as grandes mudanças econômicas, sociais e políticas que ocorrerem no século XIX e a própria reforma urbana de Paris, leva Baudelaire a compreender que é o seu próprio tempo que deverá ser pensado. Não há que se buscar em tempos passados uma interpretação para o que se passa nas contradições da vida urbana. A inovação e o progresso, além de redesenhar o cenário parisiense, trouxe também um dualismo social, revelando conflitos entre as classes. Baudelaire reflete seu tempo, transforma a cidade em material poético, e sabe que o artista está preso no presente, e dele não pode mais escapar. O presente é substrato para sua elaboração. O presente é o laboratório de sua análise.

O que interessa para Foucault é o modo como o poeta francês da modernidade se relaciona com o seu presente, com aquilo que ele vê, com o que é capturado e experimentado. A modernidade, a partir de Baudelaire, carrega em si, formas de subjetivação, quando o sujeito flana, anda errante, recortado, distante de si. "A modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte,

sendo a outra metade o eterno e o imutável.” (BAUDELAIRE, 1995, p.170). Baudelaire é uma aposta de como se deve pensar cuidadosamente o presente, com extrema atenção em capturá-lo exatamente como ele se apresenta. Esta relação que Foucault estabelece com a Modernidade, dispensa rótulos como pós-modernidade, irracionalismo, ou mesmo críticas a ela, Foucault justamente propõe o contrário, é preciso antes de tudo permanecer nela, experimentá-la, pensando sobre o que é isto que se passa agora.

Quando Foucault está referindo-se a modernidade muito mais como uma atitude do sujeito em relação a sua atualidade, do que um determinado período da história, o poeta francês Baudelaire, aparece enquanto uma consciência que compreende esta particularidade, ou seja, o presente enquanto interrogação constante.

As referências que Foucault faz a Baudelaire são como ele afirma “um exemplo quase obrigatório: trata-se de Baudelaire, já que em geral se reconhece nele uma das consciências mais agudas da modernidade do século XIX.” (FOUCAULT, 2008a, p. 342). Os comentários de Foucault acerca da modernidade baudelairiana pairam sobre uma análise bem específica daquilo que o próprio Foucault está tentando retirar do próprio sentido da modernidade. Aqui ela assume novamente as linhas de uma característica, algo que Baudelaire afirma: “Ser moderno não é reconhecer e aceitar esse movimento perpétuo: é ao contrário assumir uma determinada atitude em relação a esse movimento”. (FOUCAULT, 2008a, p.342) Foucault enfatiza: “Que esta atitude difícil, consiste em recuperar alguma coisa de eterno que não está além do instante presente, nem por trás dele, mas nele” (FOUCAULT, 2008a, p.342). É justamente este “mas nele” que interessa para Foucault, como se algo da própria modernidade, passasse a ser pensado para o momento, apresentado por Baudelaire como: “fugidio, transitório, contingente”. (FOUCAULT, 2008a, p.342). Baudelaire está como Kant (1784) em certa medida afirmando o presente, retirando dele a sua própria reflexão. Ambos são interlocutores de Foucault para pensar a atualidade com tamanha intensidade. Outro motivo que faz Foucault interagir com Baudelaire é que além do presente estar em análise, para o poeta há também um modo do próprio sujeito se relacionar neste contexto. Vejamos o modo como isto se dá: “No entanto, para Baudelaire, a modernidade não é simplesmente forma de relação com o presente; é também um modo de relação que é preciso estabelecer consigo mesmo.” (FOUCAULT, 2008a,

p.344) Há uma relação que o próprio Baudelaire chama de “ dandismo”³, uma espécie de invenção:

O homem moderno, para Baudelaire, não é aquele que parte para descobrir-se a si mesmo, seus segredos e sua verdade escondida; ele é aquele que busca inventar-se a si mesmo. Essa modernidade não liberta o homem em seu ser próprio; ela lhe impõe a tarefa de elaborar-se a si mesmo. (FOUCAULT, 2008a, p.344).

Esta consciência baudelairiana de modernidade refere-se a este elemento singular que Foucault está anunciando como uma elaboração permanente de si mesmo: “Ser moderno não é aceitar a si mesmo tal como se é no fluxo dos momentos que passam; é tomar a si mesmo como objeto de elaboração complexa e dura.” (FOUCAULT, 2008a, p. 344) Modernidade poderia ser assumida como um elemento que está presente, e que se coloca enquanto um exercício, uma ação, uma tarefa a realizar pelo próprio indivíduo. É como Foucault refere-se a Kant e a sua determinada maneira de filosofar ou de praticar a sua filosofia.

Certamente aparece em Foucault, ao fazer a referência baudelairiana acerca da modernidade, uma relevância com a questão da atitude e da ocupação que cabe ao homem “inventar-se a si mesmo” e “elaborar-se a si mesmo”. (1984). Finalmente na argumentação de Foucault, Baudelaire, não compreende que esta “elaboração” possa ocorrer na própria sociedade ou no corpo político. “Eles só podem produzir-se em um lugar outro que Baudelaire chama de arte.” (FOUCAULT, 2008a, p. 344).

Foucault apesar de dialogar com Baudelaire e Kant na temática *Aufklärung* e as distintas concepções que a modernidade incorporou na história do pensamento, a filosofia foucaultiana não exclui a complexidade do tema. Ao contrário, o filósofo francês atribui à *Aufklärung* uma profundidade significativa, e arrisca denotar esta sua análise com poucos traços a respeito do assunto. Resumir ou encerrar a relação intrincada com o tema *Aufklärung* seria retirar aquilo que Foucault esta iminentemente evocando, repondo como um movimento, sua atitude mais original; ou seja, pensar o presente sem deixar-se enveredar por apenas um conceito ou uma faceta que

³ O Dandismo de Baudelaire é uma forma de protesto e rejeição categórica do meio social que o poeta vivia. Com o dandismo o poeta se distingue da massa amorfa. Para Foucault o dandismo de Baudelaire é tomar a vida enquanto objeto da arte, uma obra de arte a ser criada, mantendo consigo uma relação de invenção.

Aufklärung mostra. Isto colocaria em risco toda a circularidade e abertura da questão, assim a própria *Aufklärung* quando não encerrada, permanece em movimento. Como não convém seguir encerrada, *Aufklärung* é por outro lado ainda mais significativa, quando se percebe que as mais diferentes consciências humanas debruçaram-se sobre este objeto. Neste sentido o próprio Foucault afirma que o tema esbarra nas várias correntes de pensamento: “Não existe quase nenhuma filosofia que, direta ou indiretamente, não tenha sido confrontada com esta mesma questão”. (FOUCAULT, 2008a, p. 335). Por isto a pergunta do filósofo: Qual é então esse acontecimento que se chama *Aufklärung*? Sobre isto inúmeros significados atribuídos durante dois séculos. Foucault repreende os mais imediatos resultados que se possa alcançar, e nos propõe esta análise de modo mais demorado e apurado. Às tentativas de responder à questão, durante todo este tempo, é o que ele chama de “tanta imprudência”. (FOUCAULT, 2008a, p. 335). *Aufklärung* tem conteúdo significativo e singular na filosofia foucaultiana por justamente não denotar significados habituais. O próprio Foucault utiliza destas referências tradicionais em torno de *Aufklärung*, mas com a cautela de não esgotar o tema, incluindo que muitas interpretações ainda poderão surgir. Esta é a abertura de *Aufklärung*, uma questão que não se fecha, mas que se prolonga.

Ao desenvolver o texto *O que são as Luzes?* (2008a) Foucault vai paulatinamente mostrando como esta relação com *Aufklärung* é bastante complexa e como dita anteriormente, é, sobretudo intrincada. De fato o texto ainda que curto, suspende as afirmações em torno de *Aufklärung*. A imprudência estaria possivelmente em como a tradição analisou o problema, assim o próprio Kant só será evocado na análise do filósofo francês pela maneira completamente distinta de visualizar o seu tempo e o seu tema.

Entre estes significados distintos e o modo inteiramente novo iniciado por Kant, em oposição à sua tradição, uma interrogação filosófica que ali brota faz da atualidade uma nova problemática. Este tema eminentemente novo constitui a modernidade, agora sobre um plano particular, original: “Ora a maneira como Kant define *Aufklärung* é totalmente diferente: nem uma época do mundo ao qual se pertence, nem um acontecimento do qual se percebe os sinais, nem aurora de uma realização.” (FOUCAULT, 2008a. p 345).

Kant problematiza uma questão que é uma resposta para o periódico alemão, *Berlinische Monatsschrift*, acerca da pergunta: *Was ist Aufklärung?* E é o que

interessa para Foucault como um problema filosófico perene e atual. Certamente o problema da *Aufklärung* pode ser posta em qualquer período da história. Há um elemento na própria *Aufklärung*, que incita certo tipo de reflexão: “Ela formulou uma questão filosófica que ainda permanece colocada para nós. Penso, enfim- tentei mostrá-lo a propósito do texto de Kant -, que ela definiu certa maneira de filosofar”. (FOUCAULT, 2008a, p. 345).

Foucault afirma a incompletude do tema *Aufklärung* e aponta qual é a diferença que Kant introduz nesta novidade. *Ausgang* é a palavra que aparece para Foucault como um arranjo novo da questão. Em alemão, *Ausgang* é literalmente “saída”. Kant problematiza o termo como uma “solução”. Neste exato momento, *Ausgang* não é mais um fato acabado, mas sim um processo, uma movimentação. Ainda segundo Foucault, Kant indica que esta saída é uma característica de *Aufklärung*, e que como está se movimentando, “É um processo que nos liberta do estado de menoridade”. (FOUCAULT, 2008a, p. 337) O texto deixa uma observação de que toda esta movimentação está “em vias de se desenrolar” e que está posta de modo inacabado, o homem deverá buscar esta *Ausgang*, como uma tarefa e obrigação. Neste sentido, a tarefa nunca acaba, mas sempre recomeça.

1.2- A incompletude da questão e a tarefa filosófica

Ao se referir à modernidade, enquanto um processo em curso, algo em que ainda estamos inseridos, Foucault se articula com o pensamento kantiano, e elabora a partir da *Aufklärung* questões que ainda nos são atuais. O que *Aufklärung* instiga e que ainda está posta para a atualidade é o modo de proceder, uma atitude de pensar quem somos nós no presente. Esta “maneira de filosofar”, já levantada por Kant no século XVIII, está novamente no seu curso diário enquanto uma ação posta ao homem, diária e constante. Kant, em no seu contexto “iluminado pela razão”, deixa a questão como um ato de coragem e evoca ao sujeito certa autonomia e liberdade do homem. A novidade de Kant é que *Aufklärung* formula seu tema e chama a si mesmo de *Aufklärung*. Para Foucault, isto é pertencer a certo “nós”, que torna o filósofo objeto da sua própria reflexão. Nesta consciência de si, a própria tarefa da filosofia moderna é de interrogar sua própria atualidade.

A ideia de liberdade aparece nos escritos de Foucault. Afinal a questão da liberdade, de experimentar liberdades, é algo muito significativo para sua reflexão. Toda esta busca pela atualidade, pelo diagnóstico do seu presente, é uma maneira de ultrapassar os limites que nos determinam. Pensar o que somos nós leva a uma ação, que parte do próprio indivíduo, o que Foucault chama de crítica. O conhecimento destes acontecimentos, o fazer conhecer é o que possibilita uma nova ação inteiramente pessoal, transformadora. Veja como Foucault trata a questão:

Esta crítica será genealógica no sentido de que ela não deduzirá da forma que somos o que para nós é impossível fazer ou conhecer; mas ela deduzirá da contingência que nos fez ser o que somos a possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos. (FOUCAULT, 2008a, p.348).

Foucault não está buscando um tipo de liberdade transcendental, ou alguma estrutura universal que contenha este tipo de ideia. Ao contrário, este “trabalho realizado nos limites de nós mesmos” (FOUCAULT, 2008a, p. 348) é um tipo de atitude experimental individual que pode transpor os acontecimentos históricos, ou as determinações por ela (história) implicadas. Este tipo de mudança não acontece universalmente, mas se realiza no próprio sujeito. Foucault afirma: “O que quer dizer que esta ontologia histórica de nós mesmos deve desviar-se de todos esses projetos que pretendem ser globais e radicais”. (FOUCAULT, 2008a, p. 348).

A aposta foucautiana não recai em certa ingenuidade ou uma reflexão simplista, reduzida. Ao contrário, ao propor esta atitude de liberdade, em que o próprio Kant já estava incitando no seu opúsculo, Foucault não está propondo um novo tipo de discurso libertador, único, capaz de transpor toda a tradição histórica, ou ainda algum conhecimento que seja completo e definitivo. Para isto Foucault toma a seguinte medida:

Mas, para que não se trate simplesmente da afirmação e do sonho vazio de liberdade, parece-me que esta atitude histórico-crítica deve ser uma atitude experimental. Quero dizer que este trabalho realizado nos limites de nós mesmos deve, por outro lado, abrir um domínio de pesquisas históricas e, por outro lado colocar-se à prova da realidade e da atualidade, para simultaneamente apreender os pontos em que a mudança é possível e desejável e para determinar a forma precisa a dar a esta mudança. (FOUCAULT, 2008a, p.348).

Este tipo de investigação crítica que Foucault trata como *êthos filosófico*, ainda que ocupe um lugar individual e de transposição dos discursos historicamente produzidos, revela uma maneira ou uma postura filosófica que se encontra exatamente nesta atitude que *Aufklärung* apresenta:

Por outro lado, o fio que pode nos atar dessa maneira à *Aufklärung* não é a fidelidade aos elementos de doutrina, mas antes, a reativação permanente de uma atitude: ou seja, um *êthos* filosófico que seria possível caracterizar como crítica permanente de nosso ser histórico. E é este *êthos filosófico* que eu gostaria de resumir brevemente. (FOUCAULT, 2008a, p.345).

Obviamente que esta aposta foucaultiana, não se dá de modo universal, ingênuo ou “arriscando elaborar uma nova proposta duvidosa”, ou acabar criando “novas estruturas mais gerais”. (Foucault, 2008a, p.348). Ao compreender as minúcias do texto, percebe-se que Foucault, não se inclina a estas propostas. Compreende-se que possa brotar certa relação entre a aposta foucaultiana de colocar a própria história à análise crítica e o risco de deixar-se assim determinar por novas propostas que sejam globais, totalizantes, o que é oposto da reflexão que se faz aqui. Quanto a isto Foucault questiona:

Mas sem dúvida, seria totalmente legítimo fazer a seguinte objeção: limitando-se a esse tipo de pesquisas e de provas sempre parciais e locais, não há o risco de nos deixarmos determinar por estruturas mais gerais, sobre as quais tendemos a não ter nem consciência nem domínio? (FOUCAULT, 2008a, p. 349).

Foucault responde a questão que ele mesmo coloca, argumentando que esta ultrapassagem histórica, ainda que necessária e limitada não possa ser encarada como uma saída única ou definitiva para o sujeito ultrapassar suas circunstâncias históricas: “É verdade que é preciso renunciar à esperança de jamais atingir um ponto de vista que poderia nos dar acesso ao conhecimento completo e definitivo que pode constituir nossos limites históricos.” (FOUCAULT, 2008a, p. 349). Foucault alerta que é preciso se manter atento a esta questão para não dar fim ao problema e

não nos enganar quanto a isto. Para executar esta tarefa de prosseguir questionando, é preciso de algumas estratégias. É como um tipo de reação contrária aos múltiplos efeitos de poder e saber que constituem indivíduos enquanto sujeitos. Neste contexto em que Foucault instiga a possibilidade da liberdade, a ontologia histórica de nós mesmos “deve responder a uma série aberta de questões. (FOUCAULT, 2008a. P. 350). Estas questões são para Foucault a multiplicação de pesquisas possíveis que convergem em *jogos estratégicos de liberdade*. O que Foucault quer sinalizar com estas afirmações é que além de renunciar a possibilidade de alcançar uma maioria plena ou que teremos um dia acesso a algum conhecimento definitivo e verdadeiro que possa nos colocar acima de nossas limitações, são aspectos de uma esperança malograda e inatingível. Além disto, temos também que apostar em uma ação laboriosa e organizada sobre todas estas questões importantes que implicam na seguinte sistematização: “Como nos constituímos como sujeitos de nosso saber; como nos constituímos como sujeitos que exercem ou sofrem as relações de poder; como nos constituímos como sujeitos morais de nossas ações”. (FOUCAULT, 2008a. P. 350). Foucault coloca algumas estratégias, ou um conjunto de práticas que mais se aproximam de uma atitude filosófica para tratar o presente. De modo geral estas estratégias se apresentam deste modo: renunciar os projetos globais, desacreditar da liberdade permanente e da maioria final, ampliar pesquisas tanto arqueológicas quanto genealógicas que objetam o estudo sobre a constituição do sujeito. É necessário sistematizá-las, aprofundá-las, e principalmente duvidá-las. Foucault não prescreve estas ações, apenas demarca como estratégias possíveis para se ter uma atitude filosófica com o presente.

Esta aceção da crítica de examinar a nós mesmos, dentro dos acontecimentos históricos, recomeça todas as vezes que ela, a tarefa da crítica, se limita, ou seja, esta “atitude” ganha status de movimentação constante e que pode ser retomada ou posicionada quotidianamente pelo próprio sujeito. Esta é a liberdade que Foucault propõe e que não deixa cair no vazio e nem tampouco na ingenuidade de se transpor de modo único. Aparece um sujeito que embora esteja limitado, determinado por alguns destes discursos produzidos pela história, pode reiniciar a sua tarefa pessoal e diária de se auto-examinar e entender quem somos nós neste presente vivido. Esta é a atitude de liberdade que Foucault propõe,

sempre em vias de desenrolar, de recomeçar, como uma tarefa permanente que questionar o que sou eu neste presente a qual pertença?

Quando Foucault assume no texto *O que são as luzes?* (2008a) certa legitimidade quanto às novas determinações que poderiam brotar desta “prova histórico-prática dos limites” que podemos atravessar e ao renunciar a esperança de jamais atingir um conhecimento completo desta questão, a incompletude seria a sua aposta maior. Acerca disto, a incompletude não basta para esta tarefa pessoal e diária. Foucault prevê que este tipo de ação requer também certa especificidade: “Mas isto não quer dizer que qualquer trabalho só pode ser feito na desordem e na contingência. Este trabalho tem sua generalidade, sua sistematização, sua homogeneidade e sua aposta.” (FOUCAULT, 2008a, p. 349)

Foucault acaba por assumir que esta tarefa de criticar permanentemente nosso ser histórico não se dá no vazio, como foi dito recentemente e nem pela vontade absurda de se opor aos discursos produzidos pelas tradições históricas. Há uma ordem e uma sistematização para pensar estas questões, que não se dão aleatoriamente. Mas isto ainda não é suficiente. Assim como Kant, Foucault considera que para este exame crítico de si, ou seja, esta ontologia do presente está necessariamente posta para todos os homens, coletivamente e que para isto se concretizar também é preciso coragem: “Portanto é preciso considerar que a *Aufklärung* é ao mesmo tempo um processo do qual os homens fazem parte coletivamente e um ato de coragem a realizar pessoalmente.” (FOUCAULT, 2008a, p.338). É preciso a coragem para realizar esta tarefa crítica que próprio indivíduo executa, que o incomoda e depois o desacomoda, que o leva a examinar a si mesmo, recusando os diversos modos de assujeitamento que lhe foram impostas. É aqui que o sujeito dá voz à sua liberdade, a exercícios de liberdade, um poder guiar-se, orientar-se, conduzir-se, construir sua autonomia, levando em consideração os limites desta ação, e como esta tarefa é desconcertante e incômoda. Este é o motivo que Kant afirma que é muito mais conveniente ser menor, permanecer onde está, e neste estado de menoridade, o próprio indivíduo é o culpado. Duas questões são importantes agora para dialogar com Kant na problemática da *Aufklärung*. Vejamos quais são elas.

A ideia de coletividade e pessoalidade mostra-se na aposta kantiana, e são dois pontos pertinentes neste diálogo. A princípio, parece ser uma contraposição, coletividade e pessoalidade, mas que o próprio Kant coloca como uma tarefa e uma

obrigação, ou seja, é uma ação para todos, mas de modo particular. O que pertence a cada um assim como: “todos os homens da superfície da Terra compartilham desta mudança histórica”. (FOUCAULT, 2008a, p.338). A tarefa, como já coloca Kant, é pessoal, mas atribui-se a todos em comum, como um ato de coragem. *Sapere Aude!* a palavra de ordem, “tenha coragem de saber”. Analisar o ser histórico é uma espécie de enfrentamento, transformar-se em outra coisa, daquilo que se é. É o que Kant assinala como a saída da menoridade. Foucault parece buscar em Kant a própria singularidade do sujeito. A pergunta “O que somos nós no presente?” É um tipo de reflexão contemporânea que ao ultrapassar certos limites, busca formas de invenção do próprio sujeito, que analisa a si mesmo e a sua realidade discursiva.

Autonomia e *Aufklärung* são termos que se completam. Autonomia aqui não se desvincula de singularidade e a própria subjetividade do sujeito. Coragem, pessoalidade, atualidade, análise, incompletude e elaboração, se desatam da filosofia kantiana, especificamente do seu opúsculo, e se misturam nesta aposta ética foucaultiana: “A reflexão sobre a ‘atualidade’ como diferença na história e como motivo para uma tarefa filosófica particular me parece ser a novidade desse texto”. (FOUCAULT, 2008a, p. 341).

Este conjunto de análises que Kant traz em seu opúsculo (1784), apesar de não conter toda a descrição necessária sobre a própria *Aufklärung*, como Foucault mesmo afirma: “Não pretendo absolutamente considerá-lo como podendo constituir uma descrição adequada da *Aufklärung*: e nenhum historiador, penso, poderia se satisfazer com ele (...)” (FOUCAULT, 2008a, p. 340), isto implica em dizer que todas as transformações sociais, políticas e culturais produzidas no século XVIII não se resumem apenas no tema da *Aufklärung*, ou que todo o esforço de Kant em descrever o tema, não representa a universalidade sobre a *Aufklärung*.

Não se pode concluir, no entanto, que a proposta filosófica de Foucault em torno de *Aufklärung* se coloca com uma saída definitiva da busca pela singularidade. “Não sei se um dia nos tornaremos maiores”, (FOUCAULT, 2008a, p.340). Talvez esta seja a aposta foucaultiana de circularização, revisão e incompletude. Ou mais que isto, Foucault dá sinais que esta maioridade não é uma aposta definitiva e eficaz, e que todo este processo é individual, singular, e estamos apenas no campo da possibilidade. Ainda sim, rever os conjuntos de forças que nos regulam a vida e atualizar a nossa condição na história é propor uma espécie de exame,

potencialmente autônomo. Esta ação permanente de invenção, atualização e crítica de nós mesmos mostra-se como a “ontologia de nós mesmos”.

Ontologia funciona aqui como um exame. Há uma relação clara entre este julgamento de nós mesmos, do presente, e de uma postura a ser assumida, ou ainda, uma atitude. Todas estas projeções estão como projeto inacabado, propostas incompletas. A tarefa não dogmática decorre da situação de que mesmo *Aufklärung*, não sendo um conceito apenas temporal e histórico, ainda sim, enquanto atitude, proposta diária de se inventar, não é a saída, ou a uma máxima capaz de conceder a liberdade individual. *Aufklärung* reposta em Foucault é uma aposta inacabada, inconclusa por excelência, que é a própria atitude de pensar o que é o contemporâneo, o fragmento, o sujeito que busca formas de subjetivação e autonomia.

Pensar quem somos nós, interrogar a atualidade e os próprios acontecimentos históricos, buscando saídas que não levam à chegada, talvez uma aporia ou um recorte singular de pertencer a outras meias verdades, inconclusas, não tiranas. Encarar estas múltiplas rupturas com o nosso tempo histórico é como bem define Nalli:

“Ora, essa atitude de modernidade nada mais é que aquilo que Foucault denominou de ontologia do presente: uma reflexão crítica sobre as condições e limites históricos que nos condicionam e constroem a ser, a pensar, a falar e a agir de um modo e não de outro; uma reflexão crítica também no sentido de que abre para nós, a partir da contingência histórica de nossos múltiplos constrangimentos, a possibilidade de não sermos mais o que somos, mas a de sermos diferentes.” (NALLI, 2011, p. 153).

Na relação consigo mesmo, o sujeito contemporâneo, pensa a si mesmo, cria-se não se entrega a tendências nihilistas, nem atribuindo uma única forma de criação. O sujeito está buscando formas de subjetividade, materializando algumas, ultrapassando outras. Existir é estar sob um signo de forças, que desenha o sujeito em seu cenário. A verdade é que este palco é tão instável quanto o indivíduo que ali se movimenta. O que há de sólido ali, é discurso articulado, que atualizado, nunca passa de conceitos. Os mais variantes aportes históricos e as grandes linearidades são como que aparatos que intera e reitera seus personagens em suas narrativas.

O tamanho da verdade depende do conjunto de regras de uma época histórica. O sujeito então é fruto deste julgamento irrefletido, locado temporariamente neste projeto histórico. A verdade não reside nem aqui nem ali, apresenta-se inconclusa, o estrado se abala se repõe, se elabora. Para esta posição de confronto e desconforto, é necessário como sinaliza Kant, uma tarefa árdua. É preciso ter coragem. Sobre a existência humana Rabinow insere a questão sem qualquer solução. “A verdade profunda da existência humana é que não há nenhuma verdade profunda”. (RABINOW, 1999, p. 34).

Neste campo de possibilidades, Foucault propõe a originalidade pessoal e uma espécie muito particular de cultivar-se a si mesmo, desencadeando outros textos do filósofo em que acentua a mesma problemática. É preciso ver a leitura que Foucault faz de Kant como um convite a autonomia e resistência. *Aufklärung* é em seu sentido mais estrito, um ingresso, ou ainda uma convocação como a “saída” que aposta na liberdade pessoal. É, ainda mais, afirmar-se na história, com aquilo que Kant já havia indicado como “um ato de coragem” (1984). A tarefa que está posta para todos os homens, mas no campo individual, além de um confronto diário, também é um enfrentamento do nosso ser histórico, uma reação, e um tipo de “saída” que Foucault evoca de Kant, audaciosamente como *Sapere Aude!* São características do momento atual, buscando ajustes e desajustes, os limites. Enfrentar é também um de seus vocativos. Alguns atributos reforçam-se nesta ação audaciosa como ultrapassar, exceder, extrapolar, exercer a livre reflexão sobre o que somos nós nisto que se chama atualidade. O inquérito gera uma espécie de saída eficaz, que ao interrogar aquilo que sou, posso contrariamente não ser mais. Conflituosamente lanço-me as outras hipóteses, usufruindo deste modo inacabado, desloco-me atravessando verticalmente as linhas e os mecanismos que sujeitam o nosso ser. Para esta travessia, reforça-se um rompimento com o tal estado de menoridade, exige-se um esforço em larga medida que faz com que não compactuemos mais com projetos individualizantes. Não compactuar com esta linearidade histórica é o tracejo ininterrupto de lidar com o presente e atualizá-lo radicalmente. Pensar os modos como o sujeito foi constituído dentro da história, é o assunto do segundo capítulo desta dissertação.

SEGUNDO CAPÍTULO:

2- Das disciplinas à Biopolítica, o sujeito normalizado na Modernidade

Este segundo capítulo pretende se debruçar sobre o período genealógico de Foucault. Na tarefa genealógica dos anos setenta, Foucault procurou evidenciar a disseminação do poder no Ocidente, e o modo como nós somos marcados e apreendidos por estas relações de poder. Enquanto genealogista, sua filosofia atravessou os documentos históricos e retirou deles o que lhe interessa, escapando aos universalismos, a recusa da origem e do fim. O genealogista desmembra meticulosamente os fios discursivos e o modo de funcionamento do poder nas sociedades ocidentais, práticas que transformam o indivíduo em sujeito. Este trajeto é no mínimo laborioso e bem detalhado. Estas características minuciosas de sua empreitada genealógica aparecem em *Vigiar e Punir*, publicado em 1975, obra que se ocupa da história das disciplinas, e no primeiro volume da *História da Sexualidade, A Vontade de Saber*, publicado no ano seguinte, 1976, em que problematiza a constituição histórica da sexualidade e as práticas de saber e poder, a partir dos séculos XVIII e XIX.

Este é o escopo deste capítulo: a partir destas leituras foucaultianas, analisar os múltiplos efeitos de poder. O diagnóstico inicial se delimita no final dos séculos XVII e início do século XVIII com as técnicas efetivas de adestramento, as *disciplinas* sobre o corpo-indivíduo. Posteriormente, décadas mais tarde com as medidas regulatórias os processos individualizantes alcança um nível macro, junto com a formação do Estado Moderno, direcionadas a uma população. Iremos das disciplinas do corpo, ao biopoder do corpo social para retratar os modos de individualização do sujeito moderno.

Partir daquilo que somos para construirmos aquilo que poderemos ser. Esta premissa, anteriormente colocada no primeiro capítulo implica na tarefa ética indispensável para Foucault, proposta que iniciamos este trabalho e que não se perderá de vista dentro desta dissertação. Para a segunda parte deste trabalho, faz-se necessário pensar quem é o sujeito que, a partir do século XVIII composto por “novas técnicas” de assujeitamento, passa a compor suas individualidades e tornam-se sujeitos. Em outras palavras, Foucault traça a partir da Modernidade, o modo como o indivíduo passou a existir dentro dos espaços e como este processo de individuação produziu a vida dos homens dentro da história. Esta será a trajetória

deste segundo capítulo, investigar os mecanismos de poder que compõem e recompõem os sujeitos no interior de sua cultura.

Para compreender as individualidades produzidas no interior das instituições modernas faremos uma analítica do poder, ou o modo como se opera as relações de poder na Modernidade. Este retrato genealógico do sujeito moderno se desenvolve em duas categorias relevantes: o primeiro é a análise das disciplinas, que destaca como alvo o corpo do sujeito moderno; e o segundo, uma analítica da biopolítica, que em meados do século XVIII, desloca-se do corpo individual e centra-se sobre o corpo enquanto espécie.

Inicialmente a proposta é pensar como o poder disciplinar se desenrolou no século dezoito e em um segundo momento, como a proliferação das disciplinas se alastrou dentro de um corpo social, ou uma população. Partiremos da análise dos micro poderes para um macro poder, ou seja, a passagem de uma *anátomo-política do corpo*, para a uma biopolítica da espécie humana. Na modernidade, não apenas o corpo, mas a espécie humana precisa ser administrada. A *anátomo-política* é o conjunto das disciplinas que operam sobre o corpo individualmente, em uma relação cujo objetivo é torná-lo útil e dócil. Já na Biopolítica é a soma destes corpos que interessam a Foucault, ou seja, uma regularização total sobre a vida e sobre a morte dos indivíduos, delimitando tanto a questão da disciplina que opera sobre um corpo, quanto à disciplina que opera sobre a população. Esta análise combinatória entre corpo individual e corpo populacional, procura pensar o modo como o sujeito é segundo Foucault, um objeto a ser construído e constituído historicamente através de determinadas práticas. Vamos entendê-las detalhadamente na obra de Foucault, utilizando seus textos reconhecidos em sua fase genealógica, encontradas em geral nas décadas de 70. Nesta etapa sua produção se volta para a questão da objetivação do sujeito a partir de práticas disciplinares e normalizadoras, dentro da cultura ocidental. A Modernidade aparece neste capítulo em uma perspectiva distinta do primeiro capítulo. Se no primeiro capítulo, modernidade se relaciona mais com uma atitude, com um modo de se relacionar consigo mesmo, no segundo capítulo, a Modernidade é um espaço de análise temporal, localizável. Momento em que os mecanismos de poder foram aperfeiçoados. As duas análises foucaultianas em torno da Modernidade apesar de distintas, são, porém complementares. Ou seja, Foucault aparece problematizando a modernidade no primeiro capítulo, já no segundo capítulo, de modo complementar, a modernidade é atualizada, enquanto uma atitude

moderna. Nesta atualização acerca da modernidade, Foucault sinaliza a possibilidade de sair da menoridade, situação que foi provocada pelos múltiplos modos políticos de subjetivação e individuação, acentuadas a partir da modernidade, precisamente na disciplina e na biopolítica. Este é o modo que Foucault complementa a sua análise sobre a modernidade.

O centro das observações genealógicas de Michel Foucault é o poder disciplinar, que no século XVIII ganha contornos mais específicos. Neste contexto, século XVIII, tanto o indivíduo quanto a população serão analisados e regulados.

Na sua tarefa genealógica de compreender a modernidade e a composição do sujeito. Foucault traça uma história das disciplinas, a sua ocupação, no entanto, não é com a história, mas a partir destes dados históricos, analisar a produção do sujeito. O que lhe interessa é o modo como o sujeito passou a ser composto dentro destes núcleos tidos como modernos. Por meio da análise foucaultiana, inicialmente observaremos como o processo de individuação por meio da disciplina e do corpo, ganham contornos mais amplos. Na era das disciplinas, iremos do corpo individual, para os modos de se governar uma população, ou seja, a formação do Estado Moderno e as práticas administrativas sobre a população. Agora não apenas o indivíduo, mas o corpo populacional é objeto de poder. Esclarecida estas divisórias entre as disciplinas e a biopolítica, que na verdade somam-se e não se dividem, mas desenvolvem-se como um todo em técnicas de poder que assujeitaram os sujeitos no decorrer da Modernidade.

O que interessa neste campo analítico do poder é pensar o sujeito, objeto da análise foucaultiana. Neste sentido recorre-se à fase genealógica produzida nos anos setenta, não por subestimar a sua produção arqueológica dos anos sessenta, já que ambas são produções indissociáveis, sendo que a primeira ao se ocupar com a questão do saber projeta-se para a segunda, a questão do poder, e o seu desdobramento, que Foucault anuncia como as relações entre os termos saber e poder.

2.1- As novas técnicas e a individuação do sujeito moderno

A primeira parte desta dissertação ocupou-se de compreender, a partir de Foucault, como a Modernidade pôde se caracterizar muito mais como uma atitude. Certamente, a Modernidade é incluída na sua obra com uma tônica a ser amplamente meditada. Isto por que a Modernidade em sua poli-valência, ou seja, nos seus múltiplos aspectos, é objeto irrestrito e distinto em suas mãos: “A modernidade tem a ver com o trabalho histórico-filosófico de Foucault.” (CASTRO, 2009, p. 301) Foucault analisa o tema Modernidade em perspectivas diferentes, que podem ser compreendidas de forma complementar.

História da Loucura, As palavras e as Coisas e Vigiar e Punir exprimem a Modernidade em seu sentido histórico que se inicia no final de século XVIII. Ao analisar a Modernidade, calcada nas formas de se operar o poder, incluíram-se as temáticas que ali intrínsecas surgem como a *Normalização, as Disciplinas* e o *Biopoder*. É neste intento que Foucault procurou analisar “um esquema para entender como a nossa cultura produziu diferentes tipos de sujeitos”. (RABINOW, 1999, p. 39).

Como neste espaço abordaremos a modernidade enquanto uma época do Biopoder, usaremos o trabalho que, no final da década de setenta, além de estar bem situado na sua literatura, tomou fôlego e ênfase, que é a questão do poder e a fabricação de indivíduos em sujeitos. Assim, a genealogia demanda uma profunda visibilidade das peças que ficaram escondidas, mesmo que paradoxalmente não arrogue interpretar o mais profundo, “pois no fundo tudo já é interpretação”. (FOUCAULT, 2008b, p.17). Sobre este trabalho de escavação do poder, esta analítica do poder, considera-se que: “O genealogista é aquele que diagnostica e se concentra nas relações de poder, saber e corpo na sociedade moderna.” (DREYFUS E RABINOW, 2010, p. 140).

Para analisar as disciplinas, tomamos como objeto de análise as relações que brotam entre o poder, o saber e o corpo a partir dos séculos XVIII. Para compor a história das disciplinas e a história das produções dos sujeitos a partir da Modernidade, extraímos de *Vigiar e Punir*, a soma de todas estas forças que tem como alvo o corpo do indivíduo. É preciso ressaltar, no entanto, que ao fazer uma analítica interpretativa do sujeito a partir das disciplinas Foucault não busca apenas uma historicização. “Em *Vigiar e Punir* a sua intenção não é praticar a história da Modernidade ou “apreender o quadro completo de uma época passada” tampouco

capturar o sentido ou a significação de uma época passada.” (DREYFUS E RABINOW, 2010, p.157). Mas a partir destes componentes, registrar uma história do presente, que não se embaraça com os relatos daquilo se finalizou no passado. Em outras palavras, é remontar as técnicas de poder, as novas técnicas que se estabelecem a partir do século XVII e XVIII, que Foucault chama de “*Disciplinas*” que na Modernidade tornam-se “fórmulas gerais de dominação”. (FOUCAULT, 2006, p. 118).

2.1.1- O corpo como alvo das disciplinas

Para remontar às *novas técnicas* que surgem entre os séculos XVII e XVIII, Foucault anuncia no início da Terceira Parte de *Vigiar e Punir*, dedicado à disciplina: “Houve durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder.” (FOUCAULT, 2006, p. 117). O corpo aparece como um alvo a ser atingido, um espaço a ser operado, trabalhado, exercitado. É neste tempo “que nasce uma arte do corpo humano”. (FOUCAULT, 2006, p. 119).

As disciplinas obviamente não surgem apenas neste período, mas é neste contexto, precisamente por este momento histórico da Modernidade que Foucault se interessa. Na arte do corpo humano, a disciplina aparece como uma técnica que opera sobre os corpos a fim de se ter o controle, o domínio e a obediência dos corpos. Esta relação com o corpo, disciplina e controle, Foucault descreve como uma “*anatomia política*” ao compará-la enquanto uma “*mecânica do poder*” e argumenta que esta “invenção não deve ser entendida como uma coisa súbita”. (FOUCAULT, 2006, p. 119) mas como algo não localizável, não estável, que ao se multiplicar, apresenta-se sob “origens diferentes”. (FOUCAULT, 2006, p. 119).

O corpo está sob a mira de uma política que deve transformar, imputar-lhe outro significado que até antes do século XVIII não havia sido praticada. O que há de tão novo? indaga Foucault. O que aparece como um problema eminentemente novo é a minúcia. O corpo agora aparece medido em aspectos individuais, particulares, distintos. Não é sobre os inúmeros corpos como massa homogênea que se quer operar, mas é nesta vasta escala que se trabalha um a um:

Muitas coisas, entretanto são novas nessas novas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo em massa,

grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica- movimentos, gestos, atitude, rapidez, poder infinitesimal sobre o corpo ativo. (FOUCAULT, 2006, p. 118).

Com o corpo minuciosamente controlado, adentra-se numa relação entre o saber e poder. O corpo é o lugar em que se opera o poder e o saber. Sobre o corpo e sobre a alma do indivíduo moderno é que se operam mecanismos de poder. O que interessa para Foucault na Modernidade? O que há de original ali? É como afirma Rabinow: “Um novo conjunto de operações e procedimentos, estas junções de saber e poder”, (RABINOW, 1999, p. 41). Foucault denomina de “tecnologias”. (FOUCAULT, 2006, p. 122). Estas tecnologias encontram-se imbricadas no corpo, no corpo que se opera, que se transforma e que se controla. O corpo também se torna objeto de uma contínua atenção e intervenção. É nas sociedades modernas que o indivíduo aparece enquanto um corpo tratado “não na sua dimensão biológica” (RABINOW, 1999, p. 41), sobretudo como um artefato a ser manejado. É preciso “trabalhá-lo detalhadamente.” (FOUCAULT, 2006, p. 118). Qual o motivo do controle incessante? Por que o corpo se torna, a partir da Idade Clássica, o objeto de ininterruptas operações de controle? Há uma utilidade para ele, o corpo, alvo de uma “*manipulação calculada*” (FOUCAULT, 2006, p. 119) é fabricado, produzido com o desígnio de produtividade, nas cidades cada vez mais povoadas e instigadas pelo surgimento do capitalismo, o corpo dócil deve substituir o corpo vicioso, o corpo ocioso, doente e improdutivo.

Esta forma de interpretação coliga Michel Foucault à Modernidade em uma espécie de inquirição capaz de esmiuçar toda uma “microfísica” do poder, (FOUCAULT, 2006, p. 120) que a partir do século XVII “não cessaram de ganhar campos cada vez mais vastos”. (FOUCAULT, 2006, p. 120). De uma história não localizável, não circunscrita, antes convergente, *Vigiar e Punir* tem como foco as sociedades modernas, e o que lhe interessa são as formas de operação e combinação entre o poder e o saber e como isto imprimiu significado na vida das pessoas. Esta amplitude conceitual de Michel Foucault acabou por ultrapassar o próprio campo da filosofia, principalmente a questão do poder, desarticulando as teorias explicativas universais, que centralizam e restringem o poder apenas ao Estado e que exclusivamente ele mantêm o poder. Foucault tratou a questão do

poder de modo inteiramente novo⁴, a ser visto muito mais como uma rede de mecanismos por toda a sociedade, ultrapassando o nível estatal.

Ao pensar o poder além dos limites do Estado o poder passa a ser algo que se exerce e que se efetua. O corpo é o lugar deste funcionamento. A obra *Vigiar e Punir* passa por esta análise conjunta, dos diferentes *espaços disciplinares* em que o corpo não passava despercebido, aliás, todo detalhe é importante: “Para o homem disciplinado, como para o verdadeiro crente, nenhum detalhe é indiferente.” (FOUCAULT, 2006, p. 120). Nestes espaços se concentram efeitos disciplinares. Na disciplina, opera-se uma política do detalhe. Negligenciar estas minúcias pode ser perigoso, o detalhe é antes de tudo essencial. Foucault trabalha o modo de operar das disciplinas e, para isto, utiliza vários exemplos de algumas das técnicas essenciais presentes nas diversas instituições disciplinares. São dispositivos que ao se difundirem, tomaram o corpo social por inteiro. Pequenas astúcias que não cessaram desde o século XVII, que dedicam atenção singular às minúcias. É na *disciplina do minúsculo*, que nenhum detalhe passa a ser indiferente.⁵ Estas práticas, ao funcionarem em lugares diversos, possuem objetivos em comum: o *quadriculamento* e o controle minucioso dos sujeitos. Nestes espaços como os colégios, quartéis, as fábricas, os hospitais, é preciso encontrar os indivíduos:

Cada indivíduo no seu lugar, e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos, decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa (...). Importa estabelecer presenças e ausências saber onde e como encontrar os indivíduos. (FOUCAULT, 2006, p. 123).

⁴ Deleuze afirma que Foucault talvez tenha sido o primeiro a inventar esta nova concepção de poder, e que era algo que buscávamos há muito tempo, mas que não conseguíamos enunciar. *Novo Funcionalismo* é assim que Deleuze denomina a nova analítica de Foucault sobre o poder. Esta forma de interrogar os fatos, ou uma análise funcional do poder, difere de tudo o que foi arrogado pela história universal, seu principal ponto de envergadura é a própria instabilidade por onde a análise passa.

⁵ Foucault exemplifica esta política do detalhe no *Tratado sobre as obrigações dos Irmãos* também das *Escolas Cristãs* para salientar que o poder se opera nas pequenas coisas. Esta conduta meticulosa está presente na pedagogia escolar e militar e em todas as formas de treinamento. (FOUCAULT, 2006, p. 120).

Ao traçar uma história das disciplinas, Foucault compreende o corpo como um elemento essencialmente controlado, elaborado e corrigido. O corpo passa a ser pensado em suas minúcias, um espaço a ser lapidado. O corpo é afetado, circunscrito, localizável. Do castigo à correção, o corpo passa dos suplícios ao corpo controlado. No início do século XIX, nas instâncias de controle, o corpo se torna hábil e útil. A política do corpo emerge junto com as disciplinas com a intenção de fabricar indivíduos; “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis”. (FOUCAULT, 2006, p. 119).

Nos espaços disciplinares, o corpo aparece como um problema a ser gerido. O *quadriculamento* torna possível a obediência, um ordenamento capaz de subtrair as singularidades. O poder, o saber e o sujeito são efeitos destas combinações precisas que iniciam e percorrem na Modernidade, mas que atravessam os espaços temporais igualmente recentes. Isto coloca a análise genealógica de Foucault como um instrumento atual, coeso, capaz de reunir estes fragmentos inusitados, não como aposta de uma nova teoria, mais que isto, compreender como a inseparabilidade entre o corpo, o saber e o poder, permitem um entrosamento útil entre estas partes. Estas práticas são inúmeras, dispersas, e a intenção de Foucault não é delimitá-las, mas traçá-las, esmiuçá-las a fim de entender o feixe de relações que permanecem entre esta combinação apresentada anteriormente; corpo, saber, poder. Esta equação resulta no indivíduo controlado e produzido. Um produto que decorre de tais práticas bem ajustadas, o sujeito.

Foucault não está interessado em descrever o lugar do corpo e da disciplina apenas, mas sinaliza para a problemática que desta composição entre o corpo e a disciplina emerge, que é a questão do sujeito. E é ele, o sujeito, o objeto a ser trabalhado nestas operações minuciosas, detalhadas e apertadas. Estas práticas talham as condições para que um indivíduo assujeitado apareça, útil, composto, saudável e normal.

Na terceira parte da obra *Vigiar e Punir*, Foucault descreve minuciosamente o uso das disciplinas no século XVII e XVIII, o modo de operar cuidadosamente sobre o corpo, fabricando a docilidade e a submissão. Esta análise esmiuçadora sobre as disciplinas revela aos poucos, o conteúdo revelador deste diagnóstico, que é uma questão elementar para Foucault, no decorrer de sua trajetória, ou seja, o modo como o poder penetrou no corpo do indivíduo, e também na população, e qual é o resultado desta combinação entre o poder e o corpo, marcado pelo indivíduo. A

preocupação de Foucault é detalhar estas operações, apontando o corpo como um objeto de disputa e diferentes forças de atuação. Nesta análise nada escapa, Foucault descreve como o corpo foi investido a partir do século XVII, além de manipulado, é também codificado.

Detalhadamente, Foucault expõe o modo de atuar das disciplinas, uma delas, e de grande relevância, é o disciplinamento temporal. O horário é também um modo de regular os corpos. No começo do século XVII todo o tempo é controlado, neste esquema, os gestos tornam-se calculados, conforme afirma Foucault, este tempo monitorado afasta a ociosidade e a vadiagem. O corpo posto a prumo e controlado pelo tempo é também o mais saudável e mais útil, um exemplo a ser seguido por todos, nas diferentes instituições em que o poder se exerce:

O tempo medido e pago deve ser também um tempo sem impureza nem defeito, um tempo de boa qualidade, e durante todo o seu transcurso o corpo deve ficar aplicado a seu exercício. A exatidão e a aplicação são, com a regularidade, as virtudes fundamentais do tempo disciplinar. (FOUCAULT, 2006, p.129).

Nas oficinas, nos colégios, nos hospitais, o tempo regula a vida, a vida útil. A hora, o tempo, os gestos, os movimentos, tudo deve ser controlado e nas atividades diárias; “A divisão do tempo se torna cada vez mais precisa.” (FOUCAULT, 2006, p. 128). As disciplinas operam sobre o tempo, sobre as técnicas de regular as operações do corpo com o tempo, uma equação entre o tempo e os gestos, em uma simbiose perfeita e necessária, resultam em um corpo ajustado, adequado às Disciplinas. Ao esmiuçar as disciplinas Foucault enfatiza a Modernidade enquanto um período de apropriação do corpo:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo - ao corpo que se manipula, se modela se treina, que obedece, responde se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. (FOUCAULT, 2006, p. 117).

O poder disciplinar elabora indivíduos sadios, úteis e normais. A vigilância contínua opera junto aos relógios, aos detalhes e aos espaços. Acoplados, eles somam forças que disseminam regularidades, cujo efeito é dispersar as diferenças, e decompor as singularidades. Sobretudo na Modernidade, a subjetividade deste indivíduo está suprimida. Esta é a questão que Foucault problematiza na terceira parte da obra *Vigiar e Punir*, uma análise do poder disciplinar, o modo como a disciplina se apropria do indivíduo, exercendo a sua objetivação. Neste contexto a disciplina é produtora e geradora de individualidades. Foucault perpassa por todas as técnicas disciplinares, que utilizam instrumentos simples para a individualização do sujeito, estas técnicas são simples, e tem como objetivo o detalhamento dos corpos, por meio de técnicas corretivas. O que garante a produção das individualidades é certamente, o modo de operar das disciplinas, em que o corpo esteja absolutamente detalhado e organizado pelo poder disciplinar. Nesta combinação de forças, criam-se individualidades que Foucault afirma resultar na singularização dos indivíduos.

2.1.2- As técnicas de correção: Vigiar é melhor que punir

Foucault também denominou este conjunto de forças como “mecanismos que penetram nos corpos” (FOUCAULT, 2008b, p. 150). Dentre as práticas de ajustamento do século XVIII os suplícios devem desaparecer. Este deveria ser dissolvido, substituído por novas práticas legítimas que prevaleceriam sobre os cruéis assassinos, que nos suplícios conotavam a uma condição de vítima do temível carrasco, “é preciso punir de outro modo.” (FOUCAULT, 2006, p. 64). Esta reforma humanizada sobre os crimes expurgará o sangue dos condenados para o direito de punir dos soberanos e da própria sociedade que deverá ser defendida, visando dissolver as desordens futuras.

Ao analisar as práticas de poder, ou a genealogia do poder, Foucault ressalta que o desaparecimento do suplício possibilitou uma maquinaria que confinasse os corpos, e outro modo de punir. Este é o ponto de deslocamento da vingança para a punição. O poder é remanejado, visando tornar a punição mais eficaz, mais detalhada. Com enfoque nas minúcias e um refinamento nas práticas de controle, o corpo está sob a mira do vigia, ou melhor, de uma “nova economia política” (FOUCAULT, 2006, p. 69) do poder de punir. Isto significa “um esforço para ajustar

os mecanismos de poder que enquadram a existência dos indivíduos.” (FOUCAULT, 2006, p. 66). O indivíduo torna-se objeto de relações de poder e sobre ele é exercido técnicas de correção necessárias para torna-lo útil e benéfico.

Os reformadores do século XVIII e as instituições carcerárias marcam as novas tecnologias do poder que operam sobre o corpo do infrator não com o intuito de suavizar as penas ou castigar menos, ao contrário é preciso punir melhor, de modo circunscrito. Sobre as medidas e a Reforma Penal Foucault complementa:

Deslocar seu objetivo e mudar sua escala. Definir novas táticas para atingir um alvo que agora é mais tênue, mas também mais largamente difuso no corpo social. Encontrar novas técnicas às quais ajustarem as punições e cujos efeitos adaptar. Colocar novos princípios para regularizar, afinar, universalizar a arte de castigar. Homogeneizar seu exercício. Diminuir seu custo econômico e político aumentando sua eficácia e multiplicando seus circuitos. Em resumo, constituir uma nova economia e uma nova tecnologia do poder: tais XVIII. (FOUCAULT, 2006, p 76).

A “Humanização” das práticas punitivas, que debelaram o suplício e que agora deveriam respeitar a humanidade do criminoso, que denunciaram as cerimônias sangrentas e vingativas modificou o cenário dos crimes e da própria delinquência. Com as novas punições, não se apaga um crime, mas evitar que ele recomece, ou seja, esta é a finalidade, apagar as futuras e possíveis ações dos criminosos. Neste sentido, os métodos mais eficazes combinavam pontos ajustados de correção e deveria trazer de volta a virtude e a docilidade aos mais desocupados. As práticas punitivas como um direito, apropriam-se do corpo e não apenas dele, mas se apropriam da alma de modo que: “o indivíduo a corrigir deverá estar inteiramente envolvido no poder que se exerce sobre ele.” (FOUCAULT, 2006, p. 106).

Na modernidade, a multiplicação da vigilância assegura uma hierarquia contínua. Sob o corpo treinado, vigiado, inspecionado, é exercido o poder. O indivíduo observado é exaustivamente trabalhado a fim de se obter o melhor resultado, sua produção. Com a coerção ininterrupta e os modos de controlar minuciosamente o corpo, ampliam-se, no século XVII, as formas mais gerais de dominação. Neste sentido torna-se hábil a criação de uma *sociedade disciplinar* que irá percorrer a família, a escola, a fábrica, o convento, os hospitais e a prisão.

A correção que se exerce de maneira totalizante é também individual. O sujeito precisa ser controlado e aperfeiçoado. Nas práticas punitivas o sujeito da obediência é produzido e os modos de operar são distintos:

O aparelho da penalidade corretiva age de maneira totalmente diversa. O ponto de aplicação da pena não é a representação, é o corpo, é o tempo, são os gestos e as atividades de todos os dias; a alma, também, na medida em que é sede de hábitos. O corpo e a alma, como princípios dos comportamentos, formam o elemento que agora é proposto à intervenção punitiva. Mais que sobre uma arte de representação, ela deve repousar sobre uma manipulação refletida do indivíduo. (FOUCAULT, 2006, p. 106).

Ainda em uma genealogia do poder, Foucault procura compreender como o desenvolvimento das disciplinas permitiu ampliar os mecanismos de dominação e o modo como o homem na modernidade foi individualizado. Para marcar a individualização, os mecanismos efetuam o poder: “Quanto mais poder se tem, mais se é marcado como indivíduo” (CASTRO, 2009, p. 228). Foucault analisa a loucura, a sexualidade, as instituições, a prisão, hospitais, escolas, quartéis ou asilos, é sempre uma análise sobre o poder, mas de um poder que se opera e que se exerce sobre um sujeito. Sendo assim, o eixo que liga todas estas temáticas é se não ele mesmo, o sujeito e o modo como estas relações fabricam individualidades sobre eles. A esta luz, é possível pensar o indivíduo e a disciplina. No corpo como alvo do poder-saber, a tríade que sinaliza o percurso interpretativo de Foucault busca compreender as forças que impõem ao sujeito um modo de *assujeitamento*, ou ainda, a maneira em que o ser humano na nossa cultura se transforma em sujeito. Neste sentido, Castro afirma: “Foucault é conduzido a uma história das práticas nas quais o sujeito aparece não como instância de fundação, mas como efeito de uma constituição” (CASTRO, 2009, p. 408).

O *assujeitamento* é uma das formas de constituir indivíduos a partir da modernidade. O corpo humano trabalhado por diversas instituições disciplinares; hospitais, conventos, fábricas, quartéis, é construído, docilizado e produzido. Neste contexto, o sujeito, encontra-se dividido, separado, em relação aos outros. Separa-se o louco do normal, o enfermo do saudável, o criminoso do indivíduo reto. Nestas condições, estabelecem-se regras normativas ou incidem jogos de verdade sobre tais indivíduos e problematizam sobre eles uma condição de verdade que os

inscrevem, assujeitam, e os delimitam. Esta separação entre os corpos (práticas divisantes), ou esta circunscrição, são os modos de sujeição e objetivação do sujeito, de modo que nesta formação, as relações tanto de conhecimento como de poder estão imbricadas. É sobre os corpos circunscritos, separados, sujeitados, que se opera o poder-saber.

Eis então a tríade que se forma entre o corpo, o sujeito, e o poder. Neste caso tanto a objetivação quanto a sujeição caminham juntas, não são independentes, mas seu desenvolvimento é mútuo. Para isto é preciso interrogar os modos de objetivação sob vistas de uma constituição histórica-genealógica, descartando a ideia de um sujeito-substância, oposta à tradição cartesiana, mas pensar nas práticas que o constitui. Na conversão dos corpos em indivíduos, Castro verbaliza: “Considera o indivíduo não como algo dado, desde onde partir, mas se interroga acerca de como as relações efetivas de poder fabricam indivíduos” (CASTRO, 2009, p. 406).

2.1.3- O *Panóptico* e uma Sociedade Disciplinar

Dentre os dispositivos que atuaram na fabricação dos indivíduos, tendo o corpo como alvo, faremos menção ao modelo *panóptico*, como algo extremamente eficaz e por ser um verdadeiro produtor de individualidades, um modo de fazer o poder funcionar automaticamente e uma maquinaria capaz de produzir realidades. Para entender o funcionamento destas engrenagens do poder disciplinar, Foucault reconhece o dispositivo panóptico como uma arquitetura inspiradora: “Uma máquina maravilhosa” (FOUCAULT, 2006, p. 166) capaz de fabricar “efeitos homogêneos de poder.” (ibidem, p.166).

O *Panóptico*, idealizado no século XVIII pelo jurista *Bentham*, compõe perfeitamente o *quadriculamento* disciplinar permanente. Tudo é observado, separado, individualizado e visível. “O *panóptico* funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens” (FOUCAULT, 2006, p. 168) O *panoptismo* é a observação total e integral sobre a vida do indivíduo, ou seja, uma estrutura organizacional de controle, observação, classificação e divisão:

O princípio é conhecido na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a largura da construção. Elas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. (FOUCAULT, 2006, p. 166).

Nos processos de individualização presentes na Modernidade, o *panoptismo* é sem dúvida o mais eficaz. Na tecnologia da vigilância o indivíduo conserva-se sob o olhar permanente do vigia. “O *panóptico* é um local privilegiado para tornar possível a experiência com homens” (FOUCAULT, 2006, p. 169). Ali o sujeito vigiado assimila as normas de conduta e amplia um sentimento de auto-regulação. Foucault não cessa de definir as operações do *Panóptico*, seus efeitos, suas múltiplas finalidades e seus usos. “O *Panóptico* pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retreinar indivíduos”. (FOUCAULT, 2006, p. 168).

A vigilância suscita a sujeição. A observação individualizante penetra nos corpos e regula os comportamentos. A certeza de que nada escapa aos olhos do vigia. O vigia não mostra o seu rosto, aliás, não importa quem faça a inspeção, o importante é ajustá-la e assegurar as distribuições:

Em sua torre de controle, o diretor pode espionar todos os empregados que tem a seu serviço: enfermeiros, médicos, contramestres, professores, guardas; poderá julgá-los continuamente, modificar seu comportamento, impor-lhes métodos que considerarem melhores. (FOUCAULT, 2006, p. 169).

Nas sociedades disciplinares a combinação entre a sujeição e confinamento compõe os sujeitos no tempo e no espaço. A individualização é estar nestes espaços sob tais regras que assumidas individualmente tornam-se normas generalizadas. Ao mesmo tempo em que esta sociedade vigiada estabelece as normas gerais, procura-se gerenciar cada sujeito: “permite estabelecer as diferenças: nos doentes, observar os sintomas de cada um.” (FOUCAULT, 2006, p. 168).

Os corpos se tornam úteis, o tempo é um dos meios pelos quais o corpo se torna integralmente útil. É preciso um corpo disciplinado para que seja produtivo e economicamente aprovado. A política do corpo corresponde à explosão demográfica do século XVIII que precisa controlar não apenas a produção-lucro, mas a saúde e as formas de vida.

Dissolver a horizontalidade e estabelecer as hierarquias, dissipar os movimentos. Foucault detalha como estas técnicas se multiplicam e faz crescer mutuamente a docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema. A sociedade Moderna se caracteriza pelo ajustamento e pela disciplina:

Resolvem as confusões, as aglomerações compactas sobre as circulações incertas, as repartições calculadas. Ela deve também dominar todas as forças que se formam a partir da própria constituição de uma multiplicidade organizada; deve neutralizar os efeitos de contrapoder que dela nascem e que formam resistência ao poder que quer dominá-la (...) (FOUCAULT, 2006, p. 181).

É preciso pensar que os indivíduos submetidos à disciplina não são apenas examinados, mas também analisados, investigados, identificados, descritos e permanentemente registrados. Na era do exame o indivíduo emerge no campo do saber e é sobre ele que se produz o saber, controlado por prontuários, fichas, manuais e cadernetas. As disciplinas, que se apoiam na total visibilidade e em um processo minucioso, operam na criação de sujeitos aptos, produtivos, sadios, retos, normais, treinados e dóceis.

2.1.4- Uma Filosofia Analítica sobre o Poder

A disposição de Foucault está muito mais em fazer uma série de análises sobre o funcionamento do poder do que uma história das diversas instituições disciplinares, ou uma teoria do poder, esta não era sua intenção. Neste sentido caminhamos para uma filosofia analítica do poder, que nos remete aos seus modos de funcionamento das sociedades modernas do século XVIII. Para explicar melhor esta mecânica é necessário abrir mão de alguns conceitos que priorizam os supostos economicistas e o discurso histórico de dominação. O poder ultrapassa estas extremidades teóricas e históricas, pois ele é ainda mais difuso, com objetivos amplos, manifesta-se em diferentes campos de atuação. Não deve ser entendido

como uma maneira de acumular riquezas ou de subordinar uma classe, o poder é muito mais um modo de operar do que uma coisa em si, ou que caberia em alguma instituição, grande, pequena ou média. O poder é disperso é muito mais um efeito do que uma essência. Distante de uma concepção ontológica do poder, de uma substância que pertenceria a alguns grupos mais abastados, ou apenas para certos tipos de pessoas, ao contrário, o poder é uma prática, é uma forma de relação. Está imbricado nas relações, ou seja, o poder se exerce nelas. E o seu uso determina sua força, ou sua intensidade. É no interior das relações que ele opera, ele existe nestes arrolamentos simples ou complexos. Sua autenticidade está no seu exercício. O poder é transitório; “O poder é um feixe de relações, mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado.” (FOUCAULT, 2008b, 248). A questão do poder envolve a produção filosófica de Foucault, inclusive suas interrogações sobre o próprio poder atrelado com a questão do saber e como se reforçam mutuamente.⁶

Ao atrelar a questão do poder com o saber, Foucault se interessa, sobretudo com o sujeito e em particular com a Modernidade, pois é nesta particularidade histórica que se acentua uma forma extensa de ajustar técnicas de individualização e totalização e que em nenhum outro momento se mostrou tão eficaz.

2.1.5- O Poder: Uma instância positiva

No problema da formação do sujeito, Foucault *desantropologiza* a história, incrementa categorias descontínuas em sua análise e incita uma reflexão positiva sobre o poder. Esta é de alguma forma a originalidade da filosofia foucaultiana em problematizar o poder, tendo como alvo o sujeito. Foucault imprime uma ideia positiva sobre o poder. Por isto ele se distancia das concepções negativas repressoras do poder enquanto aparelho repressivo do Estado, por exemplo, as

⁶ A problemática do poder não ocupa lugares exclusivos, ou limitados, na obra de Foucault. Dentre as rupturas de suas análises, que são inclusive recorrentes nos seus percursos, Foucault em *História da Loucura* (1961) tece os saberes sobre o louco na Idade Clássica, e como foi possível a partir desta distinção entre a loucura e a normalidade, o surgimento da psiquiatria. Os saberes produzidos, ditos, catalogados, discursados, encontram-se relacionados com uma forma do fazer médico, ou melhor, do saber médico, que deve operar sobre a loucura, dissipando-a, separando o sadio do doente, afastando-os para os lugares de reclusão. A sua análise, embora arqueológica, já anuncia as formas díspares de como o saber exerce o poder sobre estes corpos. Todavia o funcionamento entrelaçado entre o saber e o poder, se desdobrará posteriormente nas suas análises genealógicas, assim chamadas, nas obras *Vigiar e Punir* (1975) e *A vontade de Saber* (1976).

teorias marxistas. É neste sentido que Foucault se distancia do poder enquanto uma instância negativa, opressora. Machado complementa que a força destrutiva do poder ou apenas seu aspecto negativo “não é tudo e talvez não seja o mais fundamental nesta análise” (MACHADO, 2008, p. XVI). Foucault sinaliza positivamente sobre o poder, é preciso entendê-lo de outra forma, contrário à tradição:

É preciso parar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos: ele exclui, ele reprime, ele recalca, ele censura, ele abstrai, ele mascara, ele esconde. De fato, o poder produz; ele produz real, produz domínios de objetos e rituais de verdade. (FOUCAULT, 2006, p. 196)

Foucault chama a atenção para uma análise mais abrangente sobre o poder e acentua a questão do poder enquanto algo produtivo e eficaz. Machado enfatiza como Foucault propõe uma visão do poder enquanto potência, algo que produz: “O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. E é justamente esse aspecto que explica o fato de que tem como alvo o corpo humano, não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo”. (MACHADO, 2008b, p. XVI).

Apesar de descrever as relações de poder e saber em torno do sujeito, a sua exposição não dogmática, visa reconstruir os seus modos funcionais, ou seja, a maneira como o exercício do poder combina mutuamente com o saber, resultando na objetivação/subjetivação dos sujeitos. “A pergunta de Foucault não é o que é o poder, mas como ele funciona.” (CASTRO, 2009, p. 326).

A filosofia foucaultiana propõe pensar como o poder consiste em conduzir condutas. Neste sentido, o poder é visto como uma realidade positiva, ou seja, “como fabricante ou produtor de individualidade.” (CASTRO, 2009, p. 325). A análise sobre o poder, em Foucault, resulta de uma busca com objetos bem demarcados. A pesquisa que inicialmente procurava elucidar a história da penalidade acabou se desdobrando nas inúmeras instituições que se operam sobre os corpos dos indivíduos como o hospital, escola, exército, fábrica, e a prisão. É esta especificidade que se opera nas instituições disciplinares que Foucault denominou de disciplina ou poder disciplinar. A individualidade é produto destas esferas em que o poder

funciona. Existe uma relação paradoxal neste sentido de pensar o sujeito não apenas como um receptáculo do poder, mas ele mesmo é também seu transmissor.

A individualidade não é algo passivo, dado de antemão, sobre a qual se aplica o poder; é, antes, uma espécie de *relay*, o indivíduo é ao mesmo tempo receptor e emissor de poder, neste sentido a imagem que melhor descreve o funcionamento do poder é o de uma rede. (CASTRO, 2009, p. 326).

Após trabalhar com as disciplinas e os dispositivos que penetram o corpo do indivíduo na Modernidade é necessário ampliar esta questão, ou seja, expandir o papel das disciplinas no corpo do indivíduo para um corpo social. É neste momento que a análise do poder passa de uma regulação individual para uma regulação em conjunto. Passaremos a compreender o poder agora a partir de uma mudança de escala que vai da disciplina à biopolítica, ou seja, de um único corpo, para um corpo social. Alguns fatores contribuíram para a expansão do poder, do biopoder, não mais o corpo está sob a mira deste poder, e sim a vida, as condições da vida. Este momento é acentuado quando as disciplinas se dispersam, ou seja, elas estão presentes nas mais variadas instituições e adentram em todas as esferas do corpo social e passam a ordenar a vida e a alma dos indivíduos, momento este em que os saberes e os poderes se exercem de modo cada vez mais preciso, regulando os fenômenos todos em conjunto. Para se operar a regulação das populações, é necessária uma articulação bem elaborada entre o poder e o saber. Para desenvolver um poder sobre a vida é preciso antes de tudo saber sobre a vida. A era do biopoder é, sobretudo, o momento da explosão dos saberes, das ciências, dos estudos, dos censos, das taxas, dos números e dos controles. Para gerir a vida é preciso conhecer os dados mais específicos e mais gerais de sua espécie. Para compreender o biopoder é necessário apresentar a emergência da sexualidade como um domínio específico da vida e das formas modernas de exercitar o poder.

2.2- O Saber e a Sexualidade na Sociedade Ocidental

Nas relações que Foucault faz acerca das produções do sujeito e das relações entre poder e saber, a obra *História da Sexualidade- I: A vontade de Saber* descreve como a partir do século XVIII as práticas da medicina social, revestida nos discursos, prescrevem e gerenciam a vida dos indivíduos no corpo social. Antes de se pensar em uma biopolítica é necessária uma analítica sobre a sexualidade, sendo ela a espinha dorsal dos construtos nas relações de saber e poder. Na sexualidade se imprime uma condição de verdade ainda mais efetiva e funcional. Ao pensar os múltiplos modos de sujeição e individuação que se acentuam na modernidade, a sexualidade se torna uma ferramenta do biopoder que, através dela, produz-se individualidades. Para Foucault esta é uma questão importante. Primeiro, por que a sexualidade, a partir do crescimento demográfico tornou-se um problema político, ou seja, uma questão a ser interdita e administrada. Segundo, a própria sexualidade é o lugar da intervenção. É por meio do controle das práticas sexuais dos indivíduos que se gerencia uma população. Suas taxas de natalidade, mortalidade, doenças, reprodução, hereditariedade, condutas e controles. É neste contexto, que além do gerenciamento dos indivíduos, encontramos também formas individuação e objetivação destes indivíduos.

A questão que se coloca é de como foi possível e o motivo pelo qual se administra o sexo na vida do sujeito, ponto importante para este segundo capítulo, demonstrar a relação entre o surgimento de uma ciência da sexualidade e a produção de sujeitos. Quem administra e de que modo a faz? Foucault reconstrói como se erigiu esta ciência da sexualidade, *Scientia sexualis*, como ela sujeitou os homens e como através do discurso sobre o sexo alargou-se um dispositivo complexo, operacional e racional sobre a população a partir do século XVIII.

O discurso sobre o sexo produz efeitos de verdade. Por isto é necessário falar sobre ele. Discorrer sobre o sexo produz tipos de saber, incita técnicas *polimorfos de poder*. Foucault procura em sua exposição recorrer ao sexo sobre vários ângulos e em vários contextos, repassando pelos séculos XVI, XVII e XVIII e XIX. Um deles é de que o sexo não foi interdito, ou apenas reprimido; ao contrário, o sexo foi implantado, disseminado, porém contrariamente esteve submetido a técnicas de poder e de gerenciamento que produziram um tipo de sexualidade ajustada,

saudável e economicamente rentável. A sexualidade é uma nova forma de se apropriar dos corpos, dos indivíduos, de sujeitá-los à vontade do saber-poder.

Como Foucault construiu a problemática da sexualidade? Foucault inicia com a ostentação dos corpos no século XVII. Discursos sem vergonha, gestos obscenos e corpos à mostra faziam parte de um contexto puramente despreocupado com a verdade. “Crianças atrevidas vagabundeando sem embaraço nem escândalo no meio dos risos dos adultos.” (FOUCAULT, 1994b, p. 09).

No entanto com a burguesia vitoriana, a sexualidade passa a ser controlada. Em torno do sexo, principalmente das mulheres e das crianças, o controle deve ser cuidadosamente executado. “A família conjugal confisca-se e absorve-a inteiramente na seriedade da função de reproduzir.” (FOUCAULT, 1994b, p. 09). A sexualidade encontra-se interdita, muda, discreta, sem murmúrios. Há também o escárnio, as sexualidades ilegítimas, “que vão fazer barulho em outro lugar.” (FOUCAULT, 1994b, p. 10). Nos lugares escuros, sórdidos, isolados aparece a ilegitimidade do sexo: a prostituta, seu cliente, o psiquiatra e seu paciente. O sexo é separado de acordo com suas funções: o legítimo se distingue do ilegítimo. O familiar se separa do profano.

Haveria como se desprender de todo este mutismo, interdição ou repressão do sexo que nos foi imposta? O preço seria alto e as saídas propostas pela ciência, pelo saber do médico, pela psiquiatria, por toda esta *sexologia* seria uma aposta escassa, arbitrária. Foucault suspeita destas interdições que separam o puritanismo burguês com o sexo aferrolhado, das outras formas encontradas para lidar com o tema, surgidas um século antes na Contra-Reforma. Se no século da burguesia moralista (XIX) a sexualidade deveria manter-se segura, controlada, inclusive por interesses econômicos, um século antes, acaba por nascer junto com a Reforma Católica um incitamento político em torno do discurso sexual. A proposta de Foucault, já na primeira parte de *A vontade de Saber* é, no entanto, paradoxal. Situar a questão do sexo na filosofia de Foucault não tem paralelos com a história da repressão ou de uma *sexologia*:

A questão que gostaria de pôr não é a de saber por que é que somos reprimidos, mas porque é que dizemos, com tanta paixão, com tanto ranço contra nosso passado mais próximo, contra o nosso presente e contra nós próprios, que somos reprimidos. (FOUCAULT, 1994b, p. 14).

2.2.1- A explosão discursiva do sexo

Foucault tece esta questão para acentuar em particular como o interior das sociedades modernas abarrotaram o sexo em torno do discurso. Em particular na sociedade ocidental, se falou de sexo como em nenhuma outra. Esta mudança de ótica leva o leitor a perceber que o que está em jogo não é a história do sexo, nem da sua coibição, tampouco do puritanismo da burguesia ascendente que falava outrora. A repressão não é o tema central. No entanto Foucault anuncia que é preciso não cometer deslizes: “Dizer que o sexo não é reprimido, ou dizer que a relação do sexo com o poder não é de repressão, corre o risco de não passar de um paradoxo estéril”. (FOUCAULT, 1994b, p. 14). Contudo a temática que lhe cabe é outra; são as questões de como gerenciar o corpo social através do sexo, e por meio dele, este é o ponto que interessa Foucault, ou seja, por que o sexo passa a ser uma questão pública e como toda esta trama de discursos o investiu.

Compete a Foucault, neste momento da sua genealogia, pensar em que condições e por qual motivo a sociedade moderna ocidental foi incitada a discorrer sobre o sexo. Que mecanismos são estes que racionalizam o sexo, que o regulamentam e o corrigem. É neste sentido que a sexualidade passa a ser tema público, pastoral, jurídico, pedagógico, medicinal, estatal e por fim torna-se uma ciência. O sexo se tornou nas sociedades modernas um problema de gestão, de administração. Nesta proliferação dos discursos é possível produzir efeitos de verdade, construir regimes sob o corpo social capaz de deslocar o lícito do não lícito e intervir nas práticas e no desejo. “O sexo está constantemente em jogo.” (FOUCAULT, 1994b, p. 31).

Nas práticas sexuais administradas imprimem-se sujeitos, modos de sujeição. Esta investidura pública no comportamento sexual dos indivíduos passa a regular o casamento, as sexualidades ilegítimas, as crianças, o histérico, o degenerado, o obstinado, o inútil, o vagabundo. Nesta transição e oscilação entre os séculos XVIII e XIX em que Foucault conduz seu diagnóstico genealógico, elementos múltiplos surgem para interrogar a sexualidade. O objetivo desta análise é perguntar como foi

possível, através do dispositivo⁷ da sexualidade, produzir e reproduzir individualidades, como esta ciência sexual,

A interrogação que logo propõe Foucault na “Hipótese Repressiva” sugere qual é o motivo que levou a sociedade ocidental a discorrer sobre sexualidade: “Que se disse dela? Quais eram os efeitos de poder induzidos pelo que dela se dizia? Que laços há entre estes discursos?” (FOUCAULT, 1994b, p. 17). Outra questão de grande relevância “Que saber se formava a partir daí?” (ibidem, p. 18).

Ao introduzir estas questões Foucault denuncia uma mecânica ou um procedimento, ou seja, a *discursificação* (FOUCAULT, 1994b, p.24) do sexo incita não um modo qualquer de discursar, produzir o assunto, mas antes disto, há uma exigência em produzir cuidadosamente seus códigos, em condições rigorosas. Neste projeto há também uma grande sujeição. Algumas palavras devem ser interditadas e outras precisam ser confessadas. Neste discurso cuidadosamente analítico, extraiu-se dele, efeitos múltiplos e variados de poder. Falar sobre o sexo é ao mesmo tempo redirecioná-lo ao seu espaço saudável e moralmente aceito.

2.2.2- O Biopoder e a sexualidade

Sob a hipótese de que o sexo precisa ser gerido, Foucault aborda como as instituições tratam de proliferar um saber sobre a sexualidade do indivíduo. As escolas, com seus saberes pedagógicos, por exemplo, codificaram seus conteúdos, treinaram seus interlocutores, pais, filhos, professores, médicos inspetores, entre outros, acabaram por produzir uma *teia de discursos* que legitima o saber sobre o sexo e um total controle do que se efetiva como verdade. “O sexo das crianças e dos adolescentes tornou-se desde o século XVIII um valor importante em torno do qual se dispuseram numerosos dispositivos institucionais e estratégias discursivas”. (FOUCAULT, 1994b, p. 34).

Neste feixe de relações que hierarquizam e fazem funcionar uma verdade sobre o sexo, Foucault apresenta não apenas as instituições que o gerenciam, mas também “muitos outros centros” (FOUCAULT, 1994b, p. 35) que operam

⁷ Foucault descreve o dispositivo como: “Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto, decididamente heterogêneo, que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito, são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos”. (FOUCAULT, 2008b, 244).

circunscrevendo e regulando suas ações. Nesta investidura, muitas medidas são necessárias. A medicina, neste caso, ocupa a primeira posição no incitamento dos discursos. Ela ocupa o lugar do exame, do laboratório, do diagnóstico, das vistorias das prevenções, das contenções e da sexualidade enquanto produto a ser curado, quando necessário medicalizado.

Em seguida, a psiquiatria deverá investigar os excessos, as perversões, circunscreverá uma etiologia das doenças mentais, corrigir a devassidão, a depravação, higienizar as práticas proibidas. E por fim destes muitos outros centros de correção e incitação de discursos, vem a justiça penal que também deverá cuidar da sexualidade lhe imputando penas e separando o criminoso do não criminoso. Todos estes campos diversos atuam meticulosamente articulados e juntos somam um feixe de relações de poder:

Todas aquelas fiscalizações sociais que se desenvolvem no fim do século passado e que filtram a sexualidade dos casais, dos pais, e das crianças, dos adolescentes perigosos ou em perigo-procurando proteger, separar, prevenir, assinalando por toda parte perigos, despertando atenções, exigindo diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo, eles irradiam os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante, que por sua relança o incitamento a que dele se fale. (FOUCAULT, 1994b, p. 34).

A medicina com o saber médico atravessou de forma potente a vida do casal e obviamente passou a controlar seu desejo e o prazer. Enquanto a igreja perdia forças no controle da sexualidade, a medicina por outro lado se fortalecia: “inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, que nasceria das práticas sexuais (...) classificou cuidadosamente todas as formas de prazeres anexos”. (FOUCAULT, 1994, p. 45) Ainda no século XVIII todo vício precisa ser contido. É neste momento que os discursos sobre o sexo se dispersam, se multiplicam e funcionam em instituições distintas. A dispersão destes centros emissores de saber está por toda parte, e o sexo passa a ser tratado como problema político, um modo extremamente complexo de desdobramentos discursivos. Os aparelhos que os produz são distribuídos em larga escala e sob condições rigorosas de controle arranjam dispositivos diversos e insistentes. “Talvez em nenhum outro tipo de sociedade tenha alguma vez acumulado e numa história relativamente tão curta, tal quantidade de discursos sobre o sexo.” (FOUCAULT, 1994b, p.36).

O corpo na Modernidade está sob o alvo de diversas técnicas disciplinares, além do corpo também a alma. Corpos dóceis e mudos, porém como coloca Dreyfus e Rabinow (2010) o indivíduo na modernidade é um sujeito falante. Estas práticas de falar de si reservam a ilusão de que com a confissão, ou “falar a verdade sobre si mesmo” (DREYFUS, RABINOW, 2010, p. 229) com a ajuda de especialistas trará luz a uma verdade escondida, que agora poderá ser revelada.

O que marca o modo como Foucault transcorre a genealogia do sujeito moderno são suas análises independentes, mas que culminam com uma aposta única, a investigação acerca dos modos como o indivíduo se subjetivou na Modernidade. Em *Vigiar e Punir* (1975) a genealogia discorreu sobre as *Disciplinas*, na sua obra seguinte *A Vontade de Saber*, suas análises se debruçaram na *Confissão*, a tônica permanece ainda que com objetos distintos, modos de produção do sujeito.

A preocupação administrativa com a vida inclui todo tipo de gerenciamento. O sexo é objeto deste controle, exigem supervisão e fiscalização. Além da medicalização, inclui procedimentos de gestão. As classificações se alastram, e assuntos como a natalidade, prostituição, a infertilidade, a esterilidade, o casamento, em tudo isto opera o poder.

Um corpo social se desenvolve sob a luz da verdade, uma verdade economicamente útil. Uma população produtiva inclui vigiar também as crianças:

Em toda parte onde poderiam manifestar-se, instalaram-se dispositivos de vigilância, estabeleceram-se armadilhas para obrigar às confissões, impuseram-se discursos insaciáveis e corretivos, alertaram-se os pais e os educadores, semeou-se neles a suspeita de que todas as crianças eram culpadas, e o medo de serem eles próprios culpados se não o suspeitassem suficientemente (...) implantaram-se meios de todo um regime médico-sexual (FOUCAULT, 1994b, p. 46).

O século XVIII trouxe um novo e amplo problema político e econômico, a população. O que está em jogo não é o indivíduo a ser controlado, mas o corpo social, ou seja, a população torna-se alvo do saber e poder. Se em *Vigiar e Punir* o seu referencial genealógico mais incisivo era o corpo marcado, em *A Vontade de*

Saber, a disciplina encontra-se com o biopoder, ou a sua análise passa do corpo para uma multidão de corpos, uma massa a ser gerida.

É no dispositivo da sexualidade que as relações entre saber e poder encontram sua máxima. O Estado⁸ encontra, nos cuidados com o sexo, resultados extremamente necessários para gerenciar a população. Inclusive qualquer descontrole poderia ser devastador, é preciso conter os efeitos colaterais de uma multidão entregue a si mesma: “O fracasso no cuidado com a sexualidade poderia levar a um perigoso declínio da saúde da célula familiar e de todo corpo social” (FOUCAULT, 1994b, p.226).

Quando o poder passa a atuar diretamente sobre a vida, este passa a produzir um saber que deverá regular o bem comum, o coletivo. É no campo do saber que se organiza a vida. Todos os emblemas de controle e gestão passam do indivíduo para uma massa populacional, os efeitos estão em conjunto, são globais e formam uma torrente de normas que corrigem, controlam, espreitam e equilibram a sociedade.

A medicina, a biologia, a geografia, as estatísticas, todas estas fontes de saber tornam-se aliadas nesta organização da vida populacional. Práticas de higienização, controles de endemias, vida, morte, todos em conjunto, visando aprimorar o tempo, a economia, e o desenvolvimento coletivo. O corpo agora é uma espécie, assegurar sua longevidade, sua qualidade é antes de tudo um problema político, ou seja, uma questão biopolítica.

A hipótese de Foucault não é excluir da biopolítica a disciplina. No entanto na biopolítica a disciplina aparece com efeitos reguladores. Até mesmo porque estes mecanismos reguladores precisam, antes de localizar e atuar sobre a massa, deparar-se com os corpos. Sob esta ótica, o campo da sexualidade continua sob mira estratégica, pois a unidade constitui o todo e intervir sobre o corpo individualmente a ponto deste se somar ao coletivo é o que incide efeitos positivos globais. A sexualidade continua em um campo estratégico e significativo no tocante a preservação da vida e de eliminação dos perigos. O que não se pode perder nestas questões são as relações estabelecidas entre poder, o discurso, e o saber no

⁸ O Estado em Foucault deve ser interpretado não conforme as teorias políticas clássicas, mas sim como uma forma moderna de exercício de governo, o de governamentalização.

século XIX. Para apresentaremos alguns pontos de discussão entre as disciplinas e o biopoder.

2.2.3- Efeitos de poder: a sexualidade e genealogia do indivíduo moderno

É importante salientar que Foucault recorreu à questão da sexualidade como elemento chave para discutir sobre a genealogia do indivíduo moderno. Outro dado importante é reforçar que nesta análise, a sexualidade é um dado inventado, ou melhor, é uma construção histórica que ocorreu no século XVIII. O que tínhamos antes disto, segundo Foucault era a carne. Por isto não existe uma essência, ou uma categoria subjacente no homem acerca do sexo. Dreyfus e Rabinow (2010) interrogam o motivo pelo qual a sexualidade passa a ser inventada. A resposta parece já ter sido dita de outra forma, ou seja, a sexualidade constitui a peça fundamental para a expansão do biopoder.

Neste sentido prosseguimos com a interpretação de Foucault acerca do tema biopoder. Sendo a sexualidade uma invenção moderna, ela encontra-se inseparável do discurso e dos jogos de poder que a constitui. O que está em pauta nestas regulamentações é como constituir uma sexualidade útil e produtiva para uma população que estaria ameaçada, caso os diversos centros de correção não atuassem devidamente. Estes centros somam forças e imprimem significados bem precisos na população, sendo eles: a medicina, a psiquiatria e o poder jurídico, como outrora anunciado. Sob a ótica dos peritos, o Estado é o principal gestor da vida, da espécie, do sexo do casamento, dos prazeres, das doenças e inclusive da morte dos indivíduos na modernidade. Sexo administra-se, regula-se para o bem de todos. Em cima destas premissas, um controle coletivo deve ser exaustivamente praticado.

A política penetra a vida dos indivíduos e no gerenciamento da vida, estar vivo é um dado que não pode ser ignorado, portanto a gestão calculista é também uma nova tecnologia do poder, é pelo sexo que se tem acesso à vida da espécie humana. Em torno da *Scientia Sexualis*, um conjunto de forças políticas, jurídicas e administrativas em que a sexualidade passa a ser construída, a medicina e o saber médico é um bom exemplo da intensificação entre o saber e o poder. As ciências médicas ocuparam boa parte das análises de Foucault e a sua relação com as sociedades dos séculos XVIII e XIX.

2.2.4- A medicina enquanto instrumento de poder

Para intensificar as questões da biopolítica, do controle da vida e da constituição dos indivíduos como sujeitos a partir da modernidade, tema deste segundo capítulo, é preciso se debruçar no desenvolvimento do saber médico enquanto uma prática intensiva nas relações saber e poder. É, contudo importante fazer uma ressalva sobre o trabalho filosófico de Foucault acerca da medicina que certamente é uma produção teórica significativa, mas nos deteremos apenas em uma parte de sua reflexão, ou seja, pensar a medicina como um espaço de intensificação enquanto política administrativa da vida e do corpo social. Sendo assim, as práticas médicas aqui servirão de orientação para pensar a vida enquanto objeto político.

Quando a vida dos seres humanos passa a estar em jogo político, as sociedades ocidentais modernas passam a considerar um dado fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana, o sexo torna-se uma questão pública. Compreender o ser humano a partir de uma espécie, em seu fator biológico, e uma série de transformações sociais nos séculos XVIII acaba colocando um novo *status* para o saber médico. O saber da medicina é o lugar privilegiado para o exercício do poder. Vejamos por que ela foi fundamental para o funcionamento da biopolítica. Em um dos textos reunidos em *Microfísica do Poder*, encontramos na conferência “O nascimento da Medicina Social”, a relação entre a biopolítica e o desenvolvimento da medicina nos séculos XVIII.

O texto procura retratar as pressões vividas pelas populações a partir dos aglomerados urbanos. A respeito das cidades em ascensão, o número crescente de indivíduos, acarretava em um medo da urbanização e da aglomeração. O medo das cidades aparece, o medo das populações numerosas, das epidemias, dos contágios. É onde a saúde se altera que um pânico parece tomar conta das mentalidades urbanas. Para conter as proliferações e manter a vida, medidas deverão ser tomadas, medidas de higiene e contenção. Opera-se um sistema de vigilância generalizado que “esquadrinhava o espaço urbano.” (FOUCAULT, 2008b, p.88).

Não apenas a vigilância, mas também o registro. No caso das pestes é preciso fazer a inspeção, registrá-la e, sobretudo colocar o doente para fora da cidade. Práticas higienizadoras incluem a purificação do espaço urbano. Inspetores devem revistar todos os habitantes da cidade. A medicina assume uma função

política administrativa que governa a vida em conjunto e isto acontece por meio da proliferação dos discursos em torno população, uma cadeia de saberes que atingem a todos. Afirma Foucault:

O poder político da medicina consiste em distribuir os indivíduos uns ao lado dos outros, isolá-los, individualizá-los, vigiá-los um a um, constatar o estado de saúde de cada um, ver se está vivo ou morto e fixar, assim, a sociedade em um espaço esquadrihado, dividido, inspecionado, percorrido por um olhar permanente e controlado por um registro, tanto quanto possível completo, de todos os fenômenos. (FOUCAULT, 2008b, p.89).

O poder político toma o corpo enquanto estratégia de prevenção e uma multiplicidade de práticas passam a gerir o estado de saúde como uma meta. O discurso médico é o lugar privilegiado na produção da verdade. O médico exerce papel administrativo e assegura um bom desenvolvimento da sociedade. Ele é o grande perito em corrigir o corpo social, mantê-lo vivo é uma de suas prioridades, prescrevendo através da medicalização, modos de existir, de viver e de morrer. É, portanto a medicina na modernidade um instrumento de ação, de classificação e de disseminação de verdades sobre comportamentos, riscos, doenças, procedimentos e condutas. A medicina é criadora de estigmas, é um instrumento de poder bem preciso que coligada com outros campos do saber nos estados modernos, juntos; as estatísticas, a economia, a psiquiatria e o direito oferecem os meios para produzir realidades e verdades coletivas.

2.2.5- A família medicalizada

Enquanto a vida deve passar pela ótica de seus peritos, as ciências da sexualidade se proliferam no corpo social. Enquanto a medicina pretende expulsar todas as atividades desviantes e improdutivas, as outras ciências modernas em desenvolvimento, a biologia, a psiquiatria, a pedagogia e outras ciências humanas pretendem trazer significado para a sexualidade do sujeito.

O sujeito neste contexto está arregimentado e controlado, não só o sujeito, mas todos os habitantes que se aglomeram. Um exemplo que identifica a presença do saber médico no corpo social, na expansão das ciências, é a inspeção familiar. Na biopolítica, não só a população, mas a família em geral, ocupa uma posição

importante na regulação da população. Outra questão que cabe a família é a questão do onanismo infantil. A sexualidade infantil torna-se objeto político. A masturbação, antes combatida pela pastoral cristã, torna-se no, século XVIII, um problema médico. As crianças são alvos da vigília. O saber médico aponta o onanismo infantil como uma doença e por isto deve ser tratada. É pelo que se desvia e é no próprio corpo que se corrige. Tudo deverá ser observado com atenção. Os pais se transformam em agentes de saúde dos filhos, acompanham as atividades, principalmente as noturnas. O jovem que se masturba deverá ser interditado e tratado. A medicina, em seu controle ético e sexual, passa a regular o corpo familiar com objetivos normalizadores bem apurados. Dreyfus e Rabinow afirmam: “A medicina esteve prisioneira das práticas e dos interesses políticos”. (DREYFUS E RABINOW, 2010, p.233).

O biopoder, enquanto uma soma das múltiplas técnicas de poder que se alastram no século XVIII, converte-se para as massas compondo individualidades reguladas aos interesses políticos, sociais e econômicos. Neste caminho que o Ocidente prosseguiu, ou seja, o de uma ciência da sexualidade, o conjunto de todos estes dispositivos e discursos somam “um grande arquivo do prazer”. (DREYFUS E RABINOW, 2010, p.77). Sem o saber, não haveria governo que ordenasse a vida. A sexualidade é então um ponto chave nesta genealogia do indivíduo moderno. O sexo é o elemento-subsídio para todas estas técnicas de objetivação do sujeito. É neste contexto que se possibilita talhar cuidadosamente uma cultura bem sucedida e bem organizada produtora de identidades e individualidades, sobretudo totalizantes. Estes processos de intervenção por meio do poder nos delimitam e nos coagem sob um governo individualizante. Estamos, portanto, reproduzindo normas. Regras em conjunto provocam consciências coletivas em um jogo que não apenas discursa sobre o sexo, mas produz verdades sobre ele. Foucault procurou resistir a estas imposições discursivas. Suas análises sobre as técnicas de *disciplinarização* e *normalização* assim como a descrição do biopoder e da biopolítica é também um novo modo de atuar frente aos acontecimentos, um modo de discordar desta imposição. É uma recusa, ou um lugar de lutas, de enfrentamento a estas questões colocadas a partir da modernidade, mas que atravessam o nosso tempo presente. Sobre as formas de resistências nos ocuparemos no terceiro e último capítulo desta dissertação.

TERCEIRO CAPÍTULO

3- Subjetividade e verdade, formas de repensar o sujeito.

O modo como Foucault utiliza suas fontes, ou a maneira como ele arquiteta sua produção, é um estilo bem preciso na sua filosofia. É também necessário, para propor novas interpretações diferentes daquilo que já se arrogou como verdades. Foucault não procura por saídas estáveis, ao contrário, ele interpretou não apenas coisas inéditas, mas buscou novas formas de interpretar o que está interpretado. Vejamos o exemplo de *Aufklärung* e da própria Modernidade, que ultrapassam na sua filosofia, uma categoria meramente histórica, passada ou ultrapassada. Ao contrário, Foucault reconduz seus significados e ultrapassa interpretações. Seu trabalho é expoente na filosofia atual justamente por ir às minúcias, aos detalhes da interpretação, sem, no entanto buscar uma verdade escondida. O que lhe cabe sob uma perspectiva crítica é diagnosticar a situação atual da nossa sociedade. Foucault é, sobretudo, um investigador, que não descarta as pistas que já lhe foram dadas, ao contrário, ele as põe à prova, ultrapassa os limites. Dispensa os rótulos e se põe a pensar o presente. É como atravessar a história em sua contramão, e nas suas tramas, emergirem novos efeitos interrogativos, no sentido de extrapolar os limites, e fazer do presente a todo instante um modo de diagnóstico. Esta conduta desafiadora e ao mesmo tempo inconformada de rever quem somos nós no presente.

Este terceiro e último capítulo têm como objetivo descrever os modos como Foucault pensou a questão da resistência. Não se pretende, no entanto esgotar ou identificar todos estes modos de resistências que aparecem na filosofia foucaultiana, justamente por acreditar que todo o seu trabalho é pensado a partir destas possibilidades de resistências. Para tornar isto mais claro Foucault suscita a ideia que as próprias relações de poder suscitam a cada instante a possibilidade de resistência. Deste modo, se não houvesse resistência não haveria poder. Por isto, resistir ao poder é antes de tudo manter uma luta permanente e inacabada, pois se o poder perpassa toda uma rede, é preciso múltiplas resistências. Esta ideia apresenta-nos uma incompletude, pois a resistência não levará o sujeito a um lugar de seu fundamento, ao contrário, a proposta é desalojar o sujeito deste ideal mítico portador de uma essência. Se o sujeito não é um fundamento, ele é então constituído, como foi anunciado anteriormente. O problema que instiga Foucault é como as relações efetivas de poder fabricam os indivíduos. Com a problemática da

história da formação do sujeito, Foucault faz da sua filosofia um modo de resistência às verdades que são elementos constituintes deste sujeito. O seu modo de análise não se limita a teorizar sobre as possibilidades de resistência. A sua filosofia é mais que uma teoria, é também uma destas práticas de resistência. Para iniciar a sua filosofia como modo de resistência, citaremos o exemplo da sua analítica interpretativa a partir da genealogia e um modo inacabado de pensar o sujeito a partir da Modernidade.

3.1- Genealogia: Uma analítica interpretativa para o sujeito

. A Modernidade é objeto desta análise, inicialmente quando se pensa nas formas de se praticar o poder em um período específico: “Aqui, Modernidade é equivalente à época da *normalização*, ou seja, à época de um poder que se exerce como disciplina sobre os indivíduos e como biopolítica sobre as populações. A Modernidade é definitivamente a época do biopoder.” (CASTRO, 2009, p. 300). Na tarefa genealógica, a modernidade é uma época das disciplinas, e dos exercícios de poder, sua análise é ocasional, localizada, que ganham contornos mais efetivos nos séculos XVIII: “Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação.” (FOUCAULT, 2006, p. 118). É necessário compreender como é o funcionamento da genealogia foucaultiana, e o motivo de a utilizarmos para pensar as questões centrais desta dissertação: *Aufklärung* enquanto crítica permanente do nosso ser histórico.

3.1.2- O modo de operar da genealogia

A proposta genealógica de Foucault não tem uma função definitiva e acabada. É nesta aposta que sua filosofia permite recusar as permanências, as verdades produzidas e as forças históricas que produzem os homens. A genealogia vira a história pelo seu avesso, e das suas extremidades brotam outras inquietações, é por isto que como se afirmou acima, o estilo genealógico de busca é necessário para permanecer diagnosticando o presente. Ao invés de concluir, a genealogia segue problematizando a questão:

Ora, se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que é que ele aprende? Que atrás das coisas há “algo inteiramente diferente”: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas. A razão? Mas ela nasceu de uma maneira inteiramente “desrazoável”- do acaso. (FOUCAULT, 2008b, p. 17).

A genealogia diferente da linearidade histórica, é justamente seu oposto, recusa a essência, pois o que aparece é o acaso e os acidentes. O que pode aparecer por de trás das coisas que interessa ao genealogista? Certamente não é a origem sobre ela: “A história nos ensina a rir de suas solenidades”. (FOUCAULT, 2008b, p. 18) Ao desnudar o caminho, o genealogista encontra segredos sem essência, uma verdade sempre recente, refutável, temporária.

O deslocamento de necessidades mais estáveis permite pensar um modo de verdade insurreto, que transgride, sem intenções profundas. Foucault aposta que sobre os acontecimentos nos portamos carentes de sentido, de valores primeiros e últimos, e que “exigimos dos historiadores que nos convençam disto.” (FOUCAULT 2008b, p. 29). Ao ultrapassar esta dependência, ou esta relação de menoridade com a história, seu olhar insurgente nos incita a lançarmos mão desta fidelidade estabelecida pela história tradicional: “Mas o verdadeiro sentido histórico reconhece que nós vivemos sem referências ou sem coordenadas originárias, em miríades de acontecimentos perdidos.” (FOUCAULT, 2008b, p. 29). Para não perder de vista o sujeito, Foucault não se põe apressadamente, ao contrário: “Daí, para a genealogia, um indispensável demorar-se”. (2008) Um despedir-se da naturalização dos fatos, mas ao usar a própria história como documento, fazê-la sempre viva: “O genealogista necessita da história para conjurar a quimera da origem.” (2008) A busca pela documentação genealógica é sempre demorada e reinventada um sem números de vezes.

No ensaio foucaultiano “Nietzsche, A genealogia e a História”, encontramos o modo como a genealogia atua, entendida como uma analítica interpretativa genealógica, esta ferramenta inspirada na filosofia Nietzsche, pontua o caráter inacabado da interpretação moderna.

Em Nietzsche, também é evidente que a interpretação está sempre inacabada. Que é para ele a filosofia, se não uma espécie de filologia sempre em suspenso, uma filologia sem fim que desdobra sempre mais longe, uma filologia que nunca seria absolutamente fixa?”(FOUCAULT, 2008b, p. 46)”.

Em relação à influência de Nietzsche, Foucault não estabelece uma herança, mas que esta afinidade lhe parece densa: “Com respeito à influência efetiva de Nietzsche teve sobre mim, me seria muito difícil precisá-la, porque me dou conta quanto foi profunda. Eu lhes diria apenas que fui ideologicamente historicista e hegeliano até ler Nietzsche.” (FOUCAULT, 2008b, p. 47)

Foucault parece confessar a sua influência nietzschiana, mas cabe resaltar que outras influências também apareceram na sua vida filosófica, sem, contudo limitá-la a estas correntes. O que lhe interessa é a atualidade. A partir de Nietzsche, Foucault arroga um tipo de desconfiança que não vacila diante da cultura, da verdade, e o seu modo de interpretação ímpar em relação ao saber, à vontade de saber e o conceito. Este estilo nietzschiano corrosivo que adentra a interpretação da história: “Nada há de absolutamente primeiro a interpretar, pois no fundo tudo já é interpretação.” (FOUCAULT, 2008b, p. 47).

O modo como Foucault difere-se tanto da filosofia da história como da antropologia, é mais que um exame, é um modo de colocar-se diante à vida, às práticas de vida. Por isto a sua filosofia é menos uma teorização e mais uma prática. Neste sentido a sua narrativa é irregular, descontínua e não situável. A genealogia de Foucault além de desconfiar das verdades universais não busca o derradeiro, o aplicável. No livro *Antropologia da Razão*, no texto: “Paul Rabinow entrevista Michel Foucault: Política da Verdade” (1999), Foucault coloca esta questão “Minha atitude não é resultado de certo tipo de crítica que, com o pretexto de um exame metódico, rejeita todas as soluções possíveis com exceção de uma única, que seria a boa. Ao contrário: busco a problematização.” (FOUCAULT, 1999, p. 19). Foucault procura esclarecer que na sua busca genealógica, não existe uma solução efetiva, neste sentido sempre há algo a fazer.

É neste sentido que a crítica, mas também a genealogia de Foucault indaga com frequência: O que é esta atualidade? O que estamos em vias de romper? E ainda o que devemos transpor? Questões mais detalhadas na sua última fase, mas é uma atitude que encontramos também na sua tarefa genealógica. É preciso

prolongar o fim, enfrentar os documentos, montar as peças nas suas peripécias. Este trabalho do genealogista para entender quem somos nós, e o que fomos nós, está imbricado com uma atualidade e não com um período da história. Esta trilha põe em suspensão os saberes que operam minuciosamente a fim de trazer a tona os “jogos de correlações de forças.” (FOUCAULT, 2006, p.141).

A genealogia ocupa o lugar da possibilidade, da transição. É ela que ao ouvir a história, não permanece subordinada, mas ao contrário, recusa suas verdades mais assentadas e “vai às minúcias” (FOUCAULT, 2008b, p. 19) no intuito de compreender os efeitos que as relações de saber e poder produzem, e como estes efeitos tornam-se produções de verdade, desastrosas construções de valores, institucionalizadas ou não, promovem a imposição de tipos de indivíduos que nos foi imposto durante séculos no ocidente.

3.2- O Genealogista enfrenta a História:

É justamente na discórdia, que se encontram as possibilidades, ou outros apontamentos, já que tudo não passa de interpretações. Este despreendimento do genealogista de nada revoluciona, a não ser a própria visão sobre os acontecimentos. Pensar esta trama toda do sujeito enquanto algo não permanente, quando investido pelo olhar do genealogista:

“Ter apenas a acuidade de um olhar que distingue, reparte dispersa, deixa operar as separações e as margens, uma espécie de olhar que dissocia e é capaz ele mesmo de se dissociar e apagar a unidade deste ser humano que supostamente o dirige soberanamente para seu passado.” (FOUCAULT, 2008b, p. 27).

Sob esta ótica, o olhar do genealogista lança mão das verdades. Compreende como as ligações entre verdade e poder foram arquitetada, e sob esta analítica concebe um sujeito que não preexista, e que continua não preexistindo, e sim experimentando. Ao recusar uma essência escondida, natural e profunda do ser, que buscaria a revelação do sujeito na verdade, o genealogista se desarmou desta fixidez. Esta operação marca uma nova abertura, uma abertura constante, reconhecendo que neste jogo situam-se múltiplas forças para se enfrentar. O

genealogista articula-se em uma posição de confronto. Complementa Dreyfus e Rabinow:

Na genealogia, os sujeitos emergem em um campo de batalha, e é somente aí que desempenham seus papéis. O mundo não é um jogo que apenas mascara uma realidade mais verdadeira que existe por trás das cenas. Ele é tal qual aparece. Essa é a profundidade da visão genealógica. (DREYFUS, RABINOW, 2010, p. 146).

Toda a produção intelectual de Foucault não se desloca da história, mas como ele mesmo afirma “são fragmentos de filosofia na pedreira da história.” (FOUCAULT, 2008b p.167). Esta afinidade e proximidade com tais objetos, sem dúvida é a raiz de seu alvitre, como anuncia Castro sobre Foucault: “Na realidade, a relação entre o sujeito e a história constitui, sem lugar a dúvidas, o eixo em torno do qual se pode compreender toda a sua produção intelectual, desde as primeiras até as últimas obras”. (CASTRO, 2009, p. 203).

Como tratado acima, não é com um tipo de história linear que Foucault se ocupou e sim com as rupturas, suas fendas profundas, inacabadas. É o presente que lhe cabe, que lhe pertence. A própria história, como um movimento permanente de buscas, escavações e perícias, é neste sentido que o genealogista enfrenta a história. O modo como todas estas coisas estão imbricadas na filosofia de Foucault, principalmente o sujeito e a história, é o que faz da genealogia um indispensável demorar-se nas questões entre a verdade e o poder e a constituição do sujeito. “Na realidade, esses dois aspectos estão tão entrelaçados de uma relação que falar de história, em Foucault, é falar do sujeito e, vice-versa, falar do sujeito é falar da história”. (CASTRO, 2009, p. 204).

3.3- A História Efetiva não oficializa a verdade

É neste sentido que surge para este texto, a alusão que Foucault faz de história efetiva. Na quinta seção do escrito, “Nietzsche, a Genealogia e História” (2008b), texto que Foucault se entrelaça com a genealogia Nietzscheana, a fim de extrair uma espécie de compreensão oposta a história tradicional, é neste espaço que se denuncia as práticas históricas lineares, totalitárias, notoriamente marcadas

pelo início e pelo fim: “uma história que lançaria sobre o que está atrás dela um olhar de fim de mundo”. (FOUCAULT, 2008b, p. 26).

A verdade eterna está posta à prova. Um tipo de interrogação eminentemente nova aparece para dar corpo a esta força contrária que ocupa a história dos historiadores, ou seja, o seu designo maior, sua essência derradeira. Uma história da humanidade, que nos leva a um reconhecimento: “ela pretende tudo julgar segundo uma objetividade apocalíptica” (FOUCAULT, 2008b, p. 26) Este tipo de interpretação descontínua, irregular, revela outros tantos acontecimentos que ali brotam e que estavam excluídos da história oficial. Ainda no texto “Nietzsche, a Genealogia e História” (2008b), Foucault usa dos termos; *Acontecimento*, *Acidente*, e *Proveniência*, como um conjunto de inexatidões impensáveis ou improváveis na história convencional, mas que acenam para outros dados, perdidos, dispersos, retirados das fissuras que ligados às verdades contidas, encontram-se debeladas nos discursos. É neste texto que Foucault desacomoda uma série de erros, ou melhor, ele denuncia uma “proliferação milenar dos erros.” (FOUCAULT, 2008b, p. 28) cometidos pela linearidade histórica.

Este modo de se encontrar com os arquivos, com os discursos, com a própria origem e por que não com a verdade, é o que Nietzsche, o genealogista, estava provocando em suas *Considerações Extemporâneas* e que agora se faz presente em Foucault, o genealogista. Desacreditar nestas constantes narrativas e apreender delas o que lhe convém; o interrompido. Assim afirma Foucault: “A história será “efetiva” na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser”. (FOUCAULT, 2008b, p. 27).

A história efetiva é uma espécie de resistência, ela é efetiva não por que ela se finda, mas por que ela resiste, insiste, é diligente. Resistir ao anúncio, às forças, a uma tradição “que tende a dissolver o acontecimento singular em uma continuidade ideal”. (FOUCAULT, 2008b, p. 28) Esta prática é meticulosa, paciente, que se opõe ao mundo dotado de sentido. A história efetiva não apregoa seus tranquilizantes, e nem repousos eficazes. Há um lugar ativo e não efetivo que desaloja o sentido final, “seu movimento é o inverso daquele que os historiadores operam sub-repticiamente.” (FOUCAULT, 2008b, p. 27).

O atributo mais caro da história *prometeica* é um pouco como a cura que ao ser possível ao homem, expurga dele seus males, trazendo a salvação. “nada lhe deve escapar, mas também nada deve ser excluído.” (FOUCAULT, 2008b, p. 27). O

historiador oficial deverá desembaraçar um quebra-cabeça, como se ele não fosse parte do jogo, como que um iluminado, um patrono da verdade que em seu posto de defensor, o tal operador presunçoso, não deixa que nada escape, à serviço da veracidade. Um tipo de saber escrupuloso, que com vestes de grandeza e objetividade, opera obstinado. Neste campo o historiador é o homem que expurga a incerteza e oficializa a verdade:

O historiador é insensível a todos os nojos: ou melhor, ele tem prazer com aquilo mesmo que o coração deveria afastar. Sua aparente serenidade se obstina em não reconhecer nada de grande e em reduzir tudo ao mais fraco denominador. Nada deve ser mais elevado do que ele. Se ele deseja tanto saber e tudo saber é para surpreender os segredos que rebaixam. (FOUCAULT, 2008b, p.31).

Mas o fictício refreou seus instintos. A máscara da verdade ruiu-se e em meio aos escombros, seus entulhos permitem um “outro uso da verdade” (FOUCAULT, 2008b, p. 34). É o riso debochado da genealogia sob uma história audaciosa. É nesta contrapartida, neste todo destroçado, “que somos capazes de separar pedaços e considerá-los à parte.” (FOUCAULT, 2008b, p. 34) A origem já conjurada, abre espaço para aquilo que foi aniquilado, outra identidade, ou outras afirmações, é tempo de liberdade, de recusa, de metamorfoses. Em nome do presente, a verdade perdeu seu brilho. A lorota, incapaz de operar sobre os corpos, é como Nietzsche sinaliza, ao “cortar suas raízes com faca, destruir as venerações tradicionais a fim de libertar o homem e não lhe deixar outra origem senão aquela em que ele quer se reconhecer.” (FOUCAULT, 2008b, p. 35).

O trabalho arriscado do genealogista de separar as partes é senão indigesto, incômodo e ardil. Dar à luz aos obscuros pedaços que ficam escondidos nas frestas, sem, no entanto se ligar a outras produções de verdade, é preciso ter o cuidado de não desmascarar a verdade para acolher outras. Por isto o genealogista perde de vista a relação com a verdade, se limita apenas a interpretá-la e não de oficializá-la. O genealogista deverá permanecer em estado de alerta, e este estado é a suspeita, um contínuo interrogar-se. É perder a paixão pela própria verdade, contraditoriamente expulsá-la, não produzi-la. Nesta dimensão os riscos aumentam. Nesta multiplicação e incontinuidades, a história efetiva encontra sua recompensa: desfaz a unidade do sujeito.

Através desta análise, o escopo deste trabalho, é à lucidez de Foucault arranjar para este sujeito sujeitado, um lugar de desconforto, uma tarefa que lhe retira a certeza. Trata-se de uma operação arriscada, Uma pergunta constante, um inquietar-se demorado. É mais que um estilo, é um tipo de conduta, uma vida que se põe sem identidade, sem menoridade, a fim de questionar o que é este presente? O que é este jogo de forças que pertencem? E que me atravessa? E no qual e contra qual posso atuar e resistir? Isto nos leva se não a uma ruptura, um exame, ou uma consciência do lugar que eu ocupo, mas que poderá sempre em vias de romper, rescindir com os contratos da história. É uma recomposição não fixa sempre pronta a desatar, como colocou Kant “*Sapere aude*” reconhecida como ato de coragem e de superação. Foucault ao transitar livremente por tais apontamentos que para ele se tornam atemporais, como os de Kant e do próprio Nietzsche, não busca legitimá-los ostensivamente, ou repetir escolas filosóficas, ao contrário, Foucault os aproveita como lhe convém, extraíndo deles, seu valor audacioso, seus recortes mais intrigantes, uma atitude inquisitória, que não se esconde nas aparências, mas vai além das evidências, e sugere um tipo de recusa necessário a qualquer totalização ou ainda a antropologizantes contos da nobre história escrupulosamente calculada. Eis o genealogista, que traduz as miudezas, não se põe a tagarelar junto aos discursos que uma vez pronunciados escondem seu efeito moral, silenciador, e censurado.

Esta tarefa é indispensável para se pensar em outros tipos de sujeitos que podem constituir-se, ao apagar a ambição da história enquanto verdade produzir-se em outro lugar, que é ele mesmo, o sujeito inventor de si, ocupado dele mesmo, deslocado de relações globais, uma atitude de não sujeitar-se ou ainda, de “desassujeitamento”, como Foucault amplia no texto “O que é a Crítica?” (FOUCAULT 1990 p. 05) O termo crítica, ocupa um lugar de prestígio na literatura foucaultiana, é no espaço da crítica, que muitos dos seus textos ganham uma conotação de movimentação, caracterizada por uma indocilidade, recusa, e como um enfrentamento necessário, um tipo de virtude, articulação do sujeito dentro da sua própria história, a crítica é atividade que renuncia os projetos universais que foram impostos durante séculos no Ocidente. Vejamos mais adiante como Foucault trabalha com a questão da crítica,

3.4 A verdade interrogada e a crítica radical

No primeiro capítulo desta dissertação, apresentamos dois textos publicados por Foucault, pertinentes para entender como ele dialogou com a modernidade e com a questão da liberdade. “O que é a Crítica?”⁹ (1990) e “O que são as Luzes?” (2008a). Ambos os textos exprimem uma atitude, ou um exercício constante de reinvenção e transposição dos limites que nos determinam e de uma possível ultrapassagem. Esta é a estratégia de liberdade, que dentro destes limites, atua como uma possibilidade de compor outras individualidades. Foucault coloca esta atitude sempre como algo inacabado, ou seja, ela não deve cessar, pois a luta pela liberdade deve ser permanente, e praticada sempre no limite de nós mesmos.

Para entendermos a estratégia de liberdade que Foucault nos apresenta, detalharemos o termo que para filosofia foucaultiana aparece como uma virtude: A noção de crítica. A crítica, ou a atitude crítica, é para Foucault um dos instrumentos necessários para o *desassujeitamento* “no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade.” (FOUCAULT, 1990, p. 05).

O problema da crítica ocupa um lugar de prestígio para Foucault. Tanto que nesta conferência de 1978, o filósofo afirma que esta “questão que gostaria de falar a vocês, e que quero sempre vos falar.” (FOUCAULT, 1990, p. 01). Nota-se que este projeto já estava no espírito de sua filosofia, ainda mais: “Não cessa de se formar, de se prolongar, de renascer nos confins da filosofia.” (FOUCAULT, 1990, p.01). Foucault ainda estabelece uma relação de um porvir, deste espírito crítico, que ali se fala. A crítica constitui com a *Aufklärung* rudimentos para uma interrogação diária e um tipo de reflexão filosófica. Pertencem a um mesmo modo de proceder, uma decisão individual e permanente do indivíduo de relacionar-se com sua atualidade. Juntas problematizam um tipo de operação emergente que sublinha um estilo específico da filosofia de Foucault, viver uma vida eminentemente filosófica.

A crítica também suscita outra temática recorrente em Foucault, que, aliás, brota desta vertente, é a questão da governamentalização.¹⁰ Foucault anuncia na

⁹ Conferência proferida em 27 de maio de 1978. O texto indica a conexão desta entrevista com o outro texto publicado posteriormente em 1984, “O que são as Luzes?” (2008a). Os temas sublinham efetivamente uma postura que Foucault estabeleceu no interior da modernidade e que conduz a uma invariável direção: O que é esta nossa atualidade? E o que faremos dela?

¹⁰ O tema Governamentalidade ocupa centralidade nas análises de Foucault. Ele utiliza o termo para referir-se ao estudo das maneiras de governar. A proposta é manter a noção de governo a mais

conferência de 1978 um tipo de atividade crítica, que se assemelha com certo estilo imperativo, aqui no sentido de necessário, com o que o filósofo denomina de modo mais genérico como “atitude crítica como virtude em geral.” Virtude também no sentido mais amplo, um modo particular, singular, de desenvolver o atributo; a virtude que, ao constituir tal indivíduo, e que faz dele, desempenhar seu papel, criar sua lei. Foucault também apresenta a crítica como um instrumento. “Meio para um devir ou uma verdade”. (FOUCAULT, 1990, p. 02). Para ser mais específico, Foucault profere: “Há alguma coisa na crítica que se aparenta à virtude.” (FOUCAULT, 1990, p. 02). Com esta associação emblemática de crítica com virtude, fica evidente que isto só pode ocorrer no âmbito pessoal, ou ainda, quem fomenta a crítica é o próprio indivíduo. A questão do sujeito volta a ressoar, e ele é o evocado como único capaz de conduzir-se neste caminho singular capaz de se relacionar com outras verdades. Para ficar mais claro esta relação, vamos especificar o tratamento que Foucault dá para a Crítica.

Ao anunciar a questão que parece estar latente na filosofia foucaultiana e “que há tempos vos queria falar” elementos aparecem com uma relação necessária. Não obstante, estes elementos são em linhas gerais, temas que recorrem a este assunto e que é, para o pensador francês, um problema essencial na sua análise. Há uma síntese de ideias que se firmam no texto, que é fruto desta conferência de 1978. Junto com a crítica, elementos como; governo, obediência, dogma, saber, poder, verdade, sujeito, coragem, tarefa e a resistência, indicam uma conexão. Faz sentido pensar que há uma relação direta entre os termos acima citados e que estes sublinham a sua conferência. Foucault não está apenas ensaiando um apelo à coragem, ele está meticulosamente descrevendo um comportamento de recusa a estas forças coercitivas que legitimam e esquadriham nossa existência. A conferência *O que é a Crítica?* Parece assinalar efetivamente uma atitude de resistência aos modos de *assujeitamento* e incita um modo de anarquia

ampla possível. (CASTRO, 2013, p.192). Esta questão toca diretamente na constituição da subjetividade ocidental e nas práticas de governar pessoas. Foucault amplia a questão sobre o governo, já que governar não cabe apenas ao Estado, mas são múltiplas as práticas que a envolvem: a família, a escola, pais, filhos, pedagogos. Nas artes de governar que se expandiu a partir do século XVII, Foucault cita a expansão demográfica e outra questão que emerge; o problema da população. A população é objeto nas mãos do governo e é também instrumento fundamental para exercer o controle. A família passa a ocupar lugar central do gerenciamento e das artes de governar: “A família vai tornar-se instrumento, e instrumento privilegiado para o governo da população.” (FOUCAULT, 2008, p.288). Foucault afirma também que desde o século XVIII, vivemos na era da governamentalidade. Esta questão aparece no segundo capítulo desta dissertação com o tema do biopoder e da biopolítica.

individualizante, capaz de resistir às diversas formas de governamentalização já ocorridas no Ocidente.

Entende-se que *Aufklärung* não está à margem deste exame, ao contrário, ela está agora em sua máxima relação com a crítica. A este respeito Foucault deixa claro que “O que Kant descrevia como a *Aufklärung*, é o que eu tentei até agora descrever como a crítica.” (FOUCAULT, 1990, p. 06). Um espírito kantiano de apelo à coragem é tom insistente que reposto na filosofia atual de Foucault, completa o grande eixo temático de suas filosofias, a resistência.

Para entender a crítica Foucault não cessa de defini-la. Para tal tarefa, o filósofo usa o que ele chama de “pontos de ancoragens históricos”. (FOUCAULT, 1990, p. 04), pois “há caminhos distintos para entender a história dessa atitude crítica”. Para iniciar esta definição, Foucault propõe uma demarcação mais genérica, ampla e essencial de crítica: “Eu proporia então, como uma primeira definição da crítica, esta caracterização geral: a arte de não ser de tal forma governado”. (FOUCAULT, 1990, p. 04).

A questão do governo é tratada mais de perto por Foucault. A tônica aparece sob uma técnica muito precisa que governa os homens, e que a partir do século XV antes até da Reforma, houve uma grande explosão nesta arte de governar os homens. (FOUCAULT, 1990, p. 03).

Foucault explica que esta “multiplicação na arte de governar” se deu em domínios variados, como uma governamentalização de todos; pobres, família, mendigos, casa, exércitos, grupos, cidades, Estados. (FOUCAULT, 1990, p. 03). O corpo e o espírito também devem ser governados. Esta técnica Foucault afirma como características das sociedades do Ocidente europeu no século XVI. A proposta foucaultiana já aparece logo em seguida a esta descrição dos tipos de governamentalização. As ações como deslocar, suspeitar, escapar, transformar e recusar, estas propostas instauradas no seio da governamentalização, é a sua contrapartida, o que o pensador coloca como uma atitude crítica. (FOUCAULT, 1990, p. 3).

A questão da crítica, enquanto uma ferramenta de resistência, é trabalhada em suma muito mais como uma prática do que como um conceito propriamente dito. Assim como a *Aufklärung*, a crítica assume um caráter contestatório, um meio para os indivíduos reclamarem suas verdades. Objetar este jogo, esta política imposta por algum tipo de autoridade, é: “O movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de

interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade”. (FOUCAULT, 1990, p. 03).

A crítica é alguma coisa que se faz individualmente, de si para si. Para Kant, a razão é capaz de expulsar, no século XVIII, o dogma, e fazer o homem mentor de seu próprio pensamento, isto é o que Kant chama de Esclarecimento. Em Foucault tal correspondência acontece com a crítica, ou seja, a arte de nas palavras de Foucault; ‘inservir voluntariamente’ tal regime de verdade. É também o que Foucault aponta como a “indocilidade refletida” (FOUCAULT, 1990, p. 03). O papel do sujeito aparece como a tônica da ação. A crítica é a crítica de si mesmo, é a crítica dos diversos mecanismos que assujeitam indivíduos em tal regime. “A crítica teria essencialmente por função o desassujeitamento no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade”. (FOUCAULT, 1990, p. 05). A decisão de indagar esta política da verdade, é uma determinação pessoal, é um estado de coragem e autonomia que faz brotar uma espécie de responsabilidade de si para si. Voltamos então àquela primeira situação, em que *Aufklärung* refere-se à “pura atualidade” (2008a). A crítica é parte deste contexto, necessariamente o ato de exercitar a liberdade. *Aufklärung* e crítica como elementos que se completam, juntos permanecem indagando o que é este presente, e recusando, ou ainda ultrapassando um tipo de história que me constituiu como sujeito. Esta composição filosófica de análise promovida no interior do indivíduo é a “ontologia crítica de nós mesmos” (FOUCAULT, 2008a, p.349).

Este tipo de filosofia inconclusa que trata a questão do presente é a inclinação de Foucault que já está assinalada com a modernidade. É como se afirmássemos que a tarefa da filosofia é uma interrogação do que é este mundo que vivemos, e o que acontece neste momento em que estamos inseridos. Com a ousadia de Kant ao inquirir um pouco mais além: O que somos nós? Esta forma de atuação apresenta-se como uma “filosofia universal” a ser exercitada cada vez mais. Esta tarefa é o que colocamos como a crítica, ou ainda, uma atitude crítica. A investigação kantiana acerca de quem somos nós, oportuniza outro exercício ainda mais relevante, que é uma dupla proposta, ou ainda, quando eu inquiri quem sou eu, ou quem somos nós, temos o ensejo de exonerar este resultado, de recusar esta implicação, e elaborar outra coisa além do que está dado. A crítica, o exame, o diagnóstico recusa os arremates finais e não dita mais quem é o sujeito, mas sim quem ele pode vir a ser. Esta construção em aberto, é a movimentação que em vias

de desenrolar, atualiza-se, e necessariamente acontece consigo mesmo. Este é o agenciamento que Foucault faz com Kant, e a atualização do pensamento kantiano *Sapere Aude!*, está reposta não como um fim, mas como possível recomeço. “Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos”. (FOUCAULT, 1995, p. 259). Esta recusa é para Foucault, uma espécie de enfrentamento, saída, para que resistamos a estas totalizações próprias do arcabouço moderno.

A questão do sujeito se liga a todo o momento com o tema foucaultiano da *Aufklärung* e da crítica. Indagar quem sou eu, resistir ao resultado, claramente lança a proposta: “Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi posta durante séculos.” (FOUCAULT, 1995, p, 259). Todo este trabalho não pode ser operado se não no sujeito e por ele mesmo, assim a tarefa de buscar outras formas de subjetividade está posta e mais que uma sugestão ela é um vocativo, uma obrigação.

Somente nesta ordem decisiva e meticulosa de suspender as narrativas do presente, às grandes totalizações, o indivíduo malogra a história que lhe foi dada, o lugar que ele deve ocupar, e se aponta a outros arranjos de vida, nomeando-se a si mesmo. A esta ação pode dar-se o nome de esclarecimento, maioridade, crítica constante, ou novas formas de existir. Talvez como aposta Foucault, “não sei se seremos um dia maiores” (FOUCAULT, 2008a, 350). Quiçá inacabados, ou ainda que maiores, sempre a desenrolar. É este espírito que precisa ser pensado, “maiores” no sentido de revisão constante. Se o esclarecer fosse completo, integral, esta atitude de modernidade não faria sentido algum, o que se guarda dela é a sua característica peculiar: Um tipo de tarefa permanente e incompleta de enfrentar toda a tradição.

Este é, portanto o papel da crítica da verdade, ela não é apenas uma recusa, mas à medida que ela se realiza a partir do trabalho minucioso e paciente da genealogia, ela permite meios para que o sujeito se torne outro. É o direito que o sujeito tem de interrogar a verdade e não se sujeitar a ela. Neste jogo de forças entre o poder, a verdade e o sujeito, a crítica é não apenas a possibilidade de violar a verdade, como também a possibilidade de resisti-la, recusá-la e, sobretudo ultrapassá-la.

4-Considerações Finais

Esta dissertação teve como objetivo, ancorada em Michel Foucault, pensar como o presente, enquanto diagnóstico, pode possibilitar ao sujeito novas formas de subjetivação. Percebemos por meio desta pesquisa a relação direta entre diagnosticar a atualidade e gerar a possibilidade de inventar-se a si mesmo. Quando investigamos o que somos, ou como nos constituímos dentro de uma cultura, é que poderemos pensar e imaginar outras possibilidades de sermos diferentes. Esta é a trajetória filosófica de Foucault, escrever uma história do presente, expondo a nossa Modernidade a mudanças.

Entendemos que para Foucault o modo de interrogar o presente, não se coloca como uma teoria, mas se aproxima de práticas, de experiências. Estas novas práticas, precisam ser trabalhadas na atualidade, como um diagnóstico, uma experimentação constante e ousada do próprio sujeito em sua realidade discursiva. Há uma relação direta entre diagnosticar a atualidade e gerar a possibilidade de inventar-se a si mesmo. Este foi o tema central deste trabalho, pensar em um sujeito que pode a cada momento se reconstituir dentro da sua atualidade.

Como forma de interrogar o presente, investigamos a genealogia do sujeito moderno. Este foi o objetivo do segundo capítulo, utilizamos a fase genealógica de Foucault, principalmente a partir dos argumentos tecidos em *Vigiar e Punir* e o primeiro volume da *História da Sexualidade A vontade de saber, para que se evidenciasse* a relação entre o sujeito e os poderes disciplinares e político. O ponto mais agudo do segundo capítulo foi demonstrar como o sujeito foi produzido a partir de práticas objetivantes, que se acentuaram na Modernidade, ou seja, como o sujeito é, segundo Foucault, um objeto a ser construído e constituído historicamente através de determinadas práticas.

Nesta análise genealógica, o poder disciplinar precisou ser esmiuçado detalhadamente. Dentro da genealogia, incluímos a análise dos micros poderes para um macro poder, ou seja, a passagem de uma anátomo- política do corpo, para a uma biopolítica da espécie humana. Dentro desta perspectiva consideramos como Foucault estudou os modos diferentes que a nossa cultura tornou os seres humanos em sujeitos.

Compreendemos também que acima de tudo, Foucault busca por meio desta trajetória genealógica do sujeito, possibilitar formas de ultrapassagem e superação de todos os limites que se travaram a partir da Modernidade. Em linhas mais diretas, este seria uma das ferramentas utilizadas por Foucault para problematizar a questão da liberdade. Sendo assim, resistir ao poder disciplinar, ou aos modos de assujeitamento, não se encontra fora do poder, mas imbricados nestas relações. O que se conclui que o desassujeitamento e o assujeitamento estão implicados na relação de forças.

Como foi colocado a pouco, o objetivo de Foucault dentro da genealogia, era promover meios de ultrapassagem. Fazendo um traçado das disciplinas e dos modos como o sujeito foi produzido dentro de uma cultura, Foucault faz o diagnóstico do seu tempo, sinalizando sempre a possibilidade de desasujeitar, ultrapassar e resistir. Esta é ocupação de Foucault, pensar o que somos, para que possamos transformar o que somos e não sermos mais aquilo que nos foi imposto.

Esta dissertação não teve como objetivo finalizar o problema do desassujeitamento, este também não foi o intento de Foucault, pois este processo não se finda, mas sempre se exercita se recomeça. Este trabalho procurou manter as possibilidades em aberto, pois reconhecer a não finitude deste diagnóstico é o mesmo que representá-lo como uma tarefa incessante, de refletir o que é este momento em que o sujeito está posto.

Para manter o problema do desassujeitamento e da liberdade em aberto, analisamos como Foucault problematiza a questão da *Aufklärung*. Nesta perspectiva, percebemos o motivo do prestígio que Foucault dá a Kant. Kant fez brotar um problema completamente novo e contemporâneo, a modernidade como questão. A sua própria realidade entra em análise, sem recorrer a qualquer outro tempo, Kant indagou o que se passava naquela ocasião, e exatamente esta questão que Foucault assume como uma atualidade kantiana, ou ainda o que faz de Kant uma filosofia contemporânea. Este é o problema posto por Kant, que interessou Foucault, a Atualidade e um modo de agir. Da própria *Aufklärung* extrai-se uma ideia, uma postura, que não está designada apenas aos homens daquele século, mas como algo que ainda deve ser pensado, colocado para a atualidade, o momento presente. Assim o conteúdo de *Aufklärung* torna-se uma atitude, independente da sua época.

Foucault não limita os modos como ele trabalha com a questão da liberdade. Não há um único e diferente momento da sua reflexão que tocaria por fim na questão da liberdade. Ao contrário, existem diferentes modos de trabalhar esta temática na filosofia de Foucault. Todo o seu trabalho é inclusive no período genealógico, uma tentativa de se praticar a liberdade. Foucault acredita nestas práticas incessantes de liberdade, que não se findam, mas se recomeçam que ultrapassam os limites e as imposições que nos foram dadas há tanto tempo.

Por fim, o terceiro e último capítulo analisou estas práticas de liberdade a partir da noção de crítica e do modo de atuação do genealogista, que ao analisar os múltiplos constrangimentos impostos pelas relações de poder, encontra possibilidades para se praticar a liberdade. Portanto esta dissertação problematizou a questão da liberdade e do desasujeitamento a partir da noção de crítica, da interpretação genealógica do sujeito e da problemática *Aufklärung*. Estas foram as ferramentas que utilizamos a partir da perspectiva foucaultiana para possibilitar o trabalho impaciente e infundável, nesta relação de forças, que o sujeito opera se não nele mesmo formas de liberdade e experimenta outras *subjetividades*.

Na atividade filosófica contemporânea, o papel do filósofo é dizer o que se passa agora. E o papel da filosofia como todo o pensamento crítico, é o de investigar e recolocar os próprios problemas atuais sob uma perspectiva outra, nova e diferente. É justamente isto que Foucault nos possibilita. Neste espírito esclarecedor, um tipo de tarefa permanente e incompleta de enfrentar toda a tradição permanece.

No exercício impaciente da liberdade, este é o papel a que crítica tem a desempenhar ela não é apenas uma recusa, mas à medida que ela se realiza a partir do trabalho minucioso e paciente da genealogia, ela permite meios para que o sujeito se torne outro. Neste cenário, o sujeito tem a ocupação de interrogar a verdade e de não se sujeitar a ela. Neste jogo de forças entre o poder a verdade e o sujeito, a crítica e a *Aufklärung* somam juntas, as ferramentas que não apenas transgridem a verdade, como também possibilitam resistí-la, recusá-la e, sobretudo ultrapassá-la. Um trabalho que recomeça a todo tempo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e crítica do sujeito*. Curitiba. UFPR. 2008.
- BAUDELAIRE, Charles. «O pintor da vida moderna», *Poesia e prosa: volume único*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte. Editora Autêntica. 2009.
- CASTRO, Edgardo. *O governo da vida*. In: *Ecopolítica*, 3: 69-98, 2012. São Paulo: Puc.
- DELEUZE, G. *Foucault*. Trad. Claudia Sant'Anna Martins; revisão da tradução. Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DREYFUS, Hubert L. Rabinow, Paul. Michel Foucault: *uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FERACINE, Luiz. *Cícero O Maior filósofo latino*. Coleção pensamento e vida. Volume 6. Editora Escala. 2011. São Paulo.
- _____, Luiz. *Sêneca Filósofo Estoico e Tutor de Nero*. Coleção pensamento e vida. Volume 6. Editora Escala. 2011. São Paulo.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22 ed. São Paulo. Edições Loyola. 2012.
- _____, Michel. *A arqueologia do Saber*. Trad: Luis Felipe Baeta Neves. 8ª edição. Forense Universitária. Rio de Janeiro. 2013.
- _____, Michel. *A Hermenêutica do sujeito*. Trad: Marcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2011.
- _____, Michel. *A coragem da verdade. O governo de si e dos outros II*. Trad: Eduardo Brandão. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2011.
- _____, Michel. *História da sexualidade I- A vontade de Saber*. Trad: Pedro Tamen. Relógio D'Água Editora. Lisboa. 1994b.
- _____, Michel. *História da sexualidade III- O cuidado de si*. Trad: Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo; Graal, 2009. 10ª edição.
- _____, Michel. *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant*. Trad: Marcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. Edições Loyola. São Paulo, 2011.
- _____, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. 26ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2008b.

_____, Michel. *Vigiar e Punir. História da violência nas prisões*. 31ª edição. Trad: Raquel Ramahete. Editora Vozes. 2006.

_____, Michel. *Ditos e Escritos. II-arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organizador: Manoel Barros da Motta. Forense Universitária. Rio de Janeiro: 2ª ed. 2008a.

_____. *Ditos e escritos. V - Ética sexualidade e política*. Organizador: Manoel Barros da Motta. Forense Universitária. Rio de Janeiro. 2004.

_____. *Ditos e escritos. N. Estratégia, Poder-Saber*. Organizador: Manoel Barros da Motta. Forense Universitária. 3ª edição. Rio de Janeiro. 2013.

_____. *O que são as luzes?* In: *Ditos e Escritos. II-arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: 02 ed. Forense Universitária. 335-351. (2008a).

_____. *O que é o Iluminismo?* In: *Dits et Écrits*. Paris; Gallimard. Vol. IV, pp. 679-688. (1994a)

_____. *O que é a Crítica? Crítica e Aufklärung* Trad. Gabriela Borges, revisão Wanderson Nascimento. Publicada em: *Bulletin de La Société française de philosophie*, vol.82, n°2, p 35-63, abril/jun 1990.

GROS, F. *Situação do Curso*. In: FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

HABERMAS, Jürgen. *Discurso Filosófico da Modernidade*. São Paulo, Martins Fontes, 2000. Coleção Tópicos.

KANT, *Os pensadores*. Editora Nova Cultural. 1999. São Paulo.

_____, *Resposta à questão: O que é Esclarecimento?* In: *Antologia de Textos Filosóficos*. Organizador: Jairo Marçal. Curitiba: SEED. Paraná. 2009.

LAGASNERIE, Geoffroy. *A última lição de Michel Foucault*. Trad. André Telles. São Paulo; Três Estrelas. 2013.

NALLI, M. A. G. *Sobre o conceito foucaultiano de discurso*. In: *A Diferença*. Organizador: Luiz B. L. Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005, p. 151 – 169.

NALLI, M.A.G. *Uma Revolta com as Mãos Nuas: A Revolução Iraniana à Luz do Projeto Foucaultiano da Ontologia do Presente*. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*. Tomo 67. Fasc. 1. 2011. Aletheia. Portugal. Organizador: Manuel Sumares.

NIETZSCHE, *Humano, Demasiado Humano*. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. Editora Escala. São Paulo, 2006.

RABINOW, Paul. *Antropologia da Razão*. Trad. João Guilherme Biehl. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

RAJCHMAN, John. *Foucault: A liberdade da filosofia*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

YAZBEK, Andre Constantino. *Dez Licões sobre Foucault*. 2ª edição revisada. Editora Vozes. Petrópolis, 2012.